



O

ALABAMA



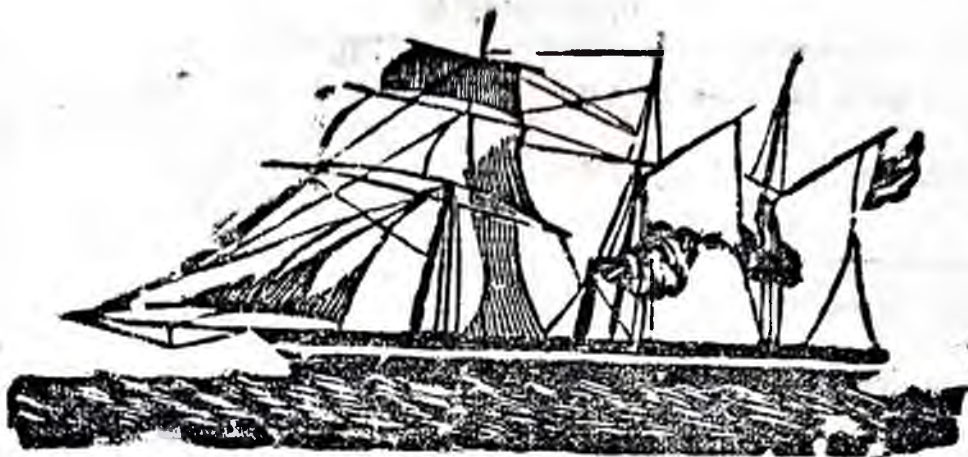
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

1.º DE MARÇO DE 1867.

SERIE 17.ª—N. 170

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

ATTENÇÃO

Esta typographia acha-se mudada para a rua Direita do Collegio n.º 14, 1.º andar.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 23 de fevereiro de 1867.

Officio ao Exm Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento o seguinte, que nos communicam:

O capellão do arsenal de marinha é obrigado a celebrar missa nos domingos e dias santos naquella repartição; porem, no domingo 24, furtando-se a essa obrigação, tirou-se dos seus cuidados e foi celebrar no Bomfim.

Os capotes accrescentam que o Revm. recebera para isso uma esportula de 10\$ rs., porem não o garantimos e até duvidamos; sem embargo do que, espera-se, que S. Ex., inimigo como é de abusos, se dignará mandar averiguar semelhante facta, afim de que o dinheiro publico não seja extraviado escandalosamente.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, chamando sua esclarecida attenção para o estado da Fonte de Santo Antonio, que se acha reduzida,

pelo deleixo da nossa municipalidade, a um fóco de miasmas; as aguas estagnadas alli cresceram á altura das bicas e tornaram-se putridas; as emanações que exhalam, provenientes de diversas materias em decomposição, tornam o logar insalubre e germen de febres intermitentes. Neste tempo, em que anda-se com o coração nas mãos com receio da invasão do cholera, comprehende S. S., quanto receio deve infundir, e quão pernicioso a saude publica pode ser aquelle charco de podridão; e uma vez que a camara municipal não dá cavaco, espera-se que S. S., empregando os meios de seu alcance, preste mais um serviço em beneficio do povo.

—Sabe me dizer o que ha para zelar na praça D. Izabel?

—So si forem pés de fumo e montões de terra.

—Pois acaba de ser nomeado o Sr. capitão Florencio Benjamin d'Almeida Pires, eleitor do Curato da Sé, para esse logar, com a diaria de 2\$000 rs.

—Ah.... uma mão lava outra e ambas lavam o rosto.

O Sr. capitão tem o seu voto a dar.. é preciso que lho deem tambem alguma coisa... Croio que me comprehendo.

—E o presente deve sahir não do

paes da patria, mais das tetas da vacca gorda.

Va principiando, Sr. Leitao, ja tardava muito.

—Os moços da sallinha principiam bem!

Já la se vão dous dias e ainda não se quizeram *preparar*!

Por ahi vão ajuizando com que assiduidade chuparão elles os *oito bicos* estes annos.

—Fazem tanto barulho, pedem tanto, rogam, choram, e depois não querem servir.

—Alguns empregados das *revistas*, não das *finanças provinciaes*, não trabalham. Agglomeram-se nas janellas a cuspir e atirar *petelecos* para baixo no *Preguica*, o qual vingá-se em descompol-os e dizer quanta immoralidade ha

—E' um excellente modo de ganhar os cobre, que lhes paga a mulata velha.

—Sabe que o quartel da Palma está convertido em praça de mercado?

—Ora fomenta-se!

—Duvida? Pois va la, que ha de ver um sujeito com uma vendola em um dos quartos, dentro do quartel.

—Que me diz? E o commandante das armas consente isso?

—Eu sei la si elle sabe.

—No entanto prohibiram que os presos vendessem alli sua bolacha!

—Não sabe que neste mundo quem não tem padrinho morre pagão?

—Está rescendido o contracto celebrado com o governo e o Sr. Costa Guimarães para o accio da cidade.

—Quem pagaria as favas?

—Ja não sabe? Nestas *jiga-jogas* o povo è quem paga as custas.

A justiça.

(Continuação.)

E as taes demandas!!!...

Oh! so do nome tremo d'ellas! são a ruina das familias, o purgatorio dos proprietarios, o Potosi das ladreiras

da justiça!! E, por demandas injustas, quantos estao por ahi possuindo propriedades mal havidas!! Uma demanda encurta, pelo menos, dez annos de vida á quem a tem, com os flagellos que acarreta do despezas continuadas, fadigas, e passos debalde, além da dependencia das decisões ou sentenças. Por demandas injustas, mal paradas e mal decididas, quantas viúvas estão morrendo a fome e vendo seus bens em mãos de ladrões e usurarios!! quantos orphãos desamparados!! quantas familias perdidas!!

Porém em desconto d'isto lá está no inferno o diabo com uma palmatoria de ferro em braza na mão para esfregar de bolos a todo juiz, que pratica estas deshumanidades.

E' a justiça uma vacca de quarenta mil tetas, onde mamam centenares de especuladores, e todos elles arranjam dinheiro para gastar á larga; isto é tanto assim, que a prova está n'este antigo prove bio de uma obra hespanhola antiga, que, por acharmos muito concetuosos, traduzimos e aqui o temos:

Um passaro com tantas pennas

Não se pode sustentar;

O escrivão com uma só

Tem dinheiro p'ra jogar!...

E assim o devem fazer, porque tudo quanto perdem desforram nos autos; fallo dos velhacos e não dos bons.

O batalhão dos escrivães, tabelliães, procuradores e merjinhos, pode-se reunir ao dos medicos, padres, e armadores, porque todos elles ganham com as afflicções alheias; mas em todo o caso valha-nos o dicto do Mazarem: — Dos males o menor: — post que n'este caso o mal, donde elle e os padres lucram é o maior, porque defanto não tem concerto.

Ora, ora isto, senhores!! Estou com esta cabeça perdida depois que vi certa moça; eu vinha passeiando pela rua da Justiça, e fui me esbarrar na porta do Mazarem! Porém vou ja voltar do bordo, e, torno ao assumpto da questão, ou ponto da conversa; e para não se tornar massada, vou dar a conclusão.

(Continua)

—Lê-se nos jornaes desta capital:
O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continuo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. BARBOSA DE ALMEIDA. »

A PEDIDO.

—Será verdade que o Sr. administrador das machambombas multou um caixeiro das mesmas pelo simples facto de encontrar um menino na escada de uma dellas?

—Não creia.

—Pois dizem.

Sr. Redactor—Si uma vida politica sem manchas, si o encanecimento no serviço do paiz, e si a rigidez de principios, constitue algum direito entre aquelles que disputam o suffragio popular, ninguem está mais no caso de merecer as honras de uma cadeira na representação nacional, do que o Exm. Sr. Dez. Luiz Antonio Barbosa d'Almeida.

Magistrado typo da probidade, politico sincero, cidadão dedicado a seu paiz, o Sr. Dez. Luiz Antonio, é digno de representar sua provincia.

Com profunda fé no illustrado corpo eleitoral do 1.º districto, que breve se vaee reunir, esperamos que o nome do distincto bahiano não será esquecido, e sahirá victorioso das urnas.

Um eleitor.

—Onde passas o entrudo?

—Teneiono ir ao Mar Grande.

—Não faças isso!

—Então porque?

—Pois deixas os facinantes bailes mascarados, que ha este anno no theatro S. João?

Sabes que o Luiz é rapaz de gosto e

tem preparado aquillo com toda pompa; por tanto não deves saltar.

—E' verdade; lembrastes bem. Lei aos bailos de mascararas.

—Capitão, dá licença que lhe conto um segredo?

—Homem, apesar de não gostar muito de segredos, diga.

—Porém capitão, lhe peço que, por S. Manuel não me descubra ao Rodrigues, pois mereço alguma consideração em Valença, e não quero perder a amizade do Junior.

—Não descubro.

—Ouçaz me disseram que em Latro-nopolis ha authoridades, que pactuam com os criminosos.

—Esto é impossivel!

—Tendo um moço apanhado um ladrão furtando roupa, isto é, encontrando o ladrão com a roupa na mão, prendeu-o á ordem do alcaide; porém, levando o rapina ao Paço da Rua á presença do cujo, lhe disse este que nada podia fazer para correção do ladrão, porque o acto não foi em flagrante!!

—Não foi em flagrante? que sandice!!!... e o moço?

—O moço ficou com agua no bico, depois de ter pago 1/000 a um guarda para levar-o; porque nesse dia (2 de fevereiro) ás 5 horas da tarde não havia um policia, nem um iuspector de quarteirão, pois mandando-se do largo de Jesus até o Carmello, não se encontrou desta gente.

—E as patrulhas?

—Não sei; creio que estavam evocando o espirito do Valença.

—E afinal que fez o Cujó?

—Disse me que tivesse compaixão do ladrão!... e mesmo que o crime em flagrante é quando se encontra o ladrão em casa roubando!

—Deveras? Oh que capacidade temos para tomar conta da nossa vara.

Si elle não fosse tão compadecido, mandava o muxingueiro por-lhe um rosario de ferro no pescoço para cumprir com suas obrigações.

—Adeus, capitão, até outra occasião.

— Capitão, já que as authotidades não se importam, recorro a V. Ex. podendo-lhe providencias

— Para que, meu amigo?

— Ha no *Neves do Castro* um sujeito, que não tem nada de *benigno*, o qual com um companheiro, cujo nome elle escreve *Eu elêterio*, fazem timbre de trazer aquelle logarejo em completo disturbio; arvoraram-se em valentões; em todos querem dar.

Ha poucos dias, foram ao *banho do Henriques* de parceria com um tal *Viriato* e mais dous e lá encontraram já dous homens que se banhavam, e umas senhoras á espera dos mesmos: sem nenhum respeito e attenção, que se deve guardar perante uma senhora casada, disseram quanta palavrada ha, do que resultou um conflicto, e como uma das senhoras procurasse apasiguar semelhante desaguisado, recebeu uma tremenda bofetada, do que resultou desmaiar e ir em braços para casa.

Não satisfeitos estes *campeões*, foram á porta dos offendidos e lá cobriram dos maiores improperios e insultos, tanto os homens como as senhoras.

Testemunhado o caso, e dada queixa ao subdelegado, mandou este prendel-os, porém, em acto continuo, por intercessão de *S. Evaristo* e *Sant' Anna*, santos venerados pelo *Gomes*, foram soltos e continuam em suas *altas proezas*.

Em consequencia disso, venho a V. Ex. pedir-lhe que mande até aquelle sitio o seu extrenuo muxingueiro com o seu calabrote abaixar a prôa daquelles espadachins.

— Esta servido; lá mandarei o rapaz.

VARIÉDADE.

MOMENTOS DE RECREIO.

Occasião de contradança.
Passeio de braço dado.
Jutar em dias de annos.
Sonhos de casamento.
Noite de novenas.
Brinquedo de prendas.
Encontro de patricio em terra estrangeira.

REGRAS DE EXPERIENCIA:

Não ha compadres, que não briguem em pouco tempo.

Não ha sogra, que não conte *aggravos* da nora.

Não ha discipulo, que não arremede ao mestre.

Não ha caixeiro que não goste d'ausencia do amo.

Não ha vendelhão, que não falsifique os pesos e medidas.

Não ha—*pettit-maitre*— que não goste de luvas.

CASOS IMPREVISTOS.

Tirar sorte grande em loteria.

Morrer de repente.

Pancada por engano.

Visita de adulador.

Aborto de mulher pejada.

Indigestões.

Paixão por mulher feia.

Demissão de emprego

Herança de estranho.

Pedrada de moleque.

Pisadella no callo.

Cortejo de figurão a pobre.

Soldado dormiu lo na sentinella.

Roubo de thesoureiro.

Fuga de mulher casada.

COUZAS QUE CAUSAM DESESPERO AOS PADRES.

Estar n'uma cejata ao sabado, e dar meia noite, tendo elle de dizer missa no domingo.

Dizer em publico a pessoas de cerimonia que um menino é seu afilhado, e este responder-lhe por graça—você está mentido, papae!

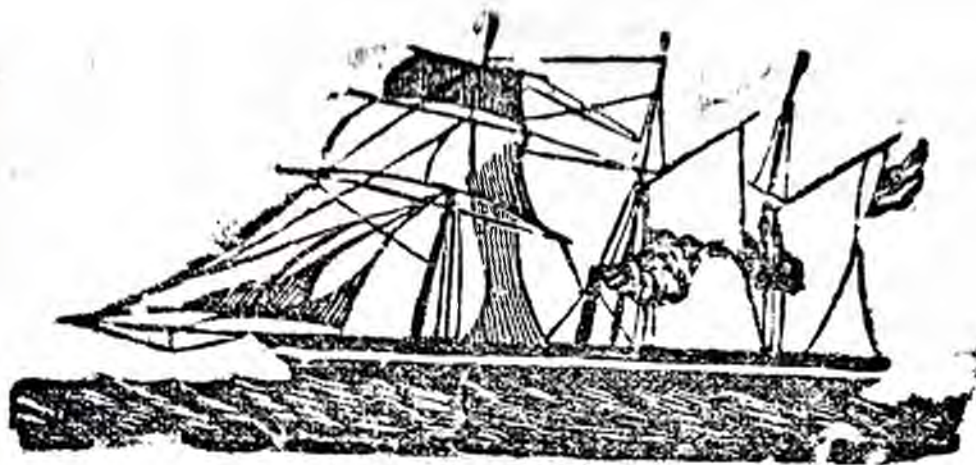
Decorar um sermão e perder-se no pulpito, estando a igreja cheia de ouvintes.

Ouvir no confissionario lamentar-se nma penitente e não poder consolal-a.

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 do corrente, a sua escrava africana do nome *Celina*, de idade de 30 annos, estatura regular, falta de dentes, com os dedos grandes dos pés tortos; achasse prenhe, e occupa-se no ganho: quem a encontrar e levar ao *Pilar*, casa n. 92, será bem gratificado. Protesta contra quem a tiver acoitado.

Ignéz Lucia Dias Monteiro,



ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

2 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N. 171

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 1 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros ou 5\$ rs. por series, pagas adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

ATTENÇÃO

Esta typographia acha-se mudada para a rua Direita do Collegio n. 14, 1.^o andar.

ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronópolis, bordo do Alabama 1.^o de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que expeça providencias a fazer com que os boleiros das diversas empresas de carros tragam um distinctivo que os façam conhecidos, a fim de que, quando por imprudencia ou deleixo, pisarem alguém, se possa saber a quem se deva accusar. Ainda hontem, quinta feira, por milagre, um carro não matou na rua do Collegio a um pedreiro que trepado n'uma escada caíava um sobrado. A vista disto parece razoavel o pedido.

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, pedindo-lhe que faça cessar o abusivo procedimento das irmans de charidade, obrigando os doentes a carregar carvão do Terreiro para o hospital, a fim de evitar não só o clamor do povo, á vista de tão repugnante espetaculo, como a scena escandalosa que ha pouco se deu, de accommetterem os moleques

áquelle estabelecimento com pedradas. Espera se ser attendido.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que faça com que os moradores do sobrado n. 1, á Ladeira da Praça, tirem os cacos de planta que têm sobre as janellas. Cumpra.

—Exm. Sr. presidente da provincia, é a V. Exa que me derijo.

Permitta que por dous minutos uma entidade obscura distraia a attenção de V. Exa.

Ha nesta provincia um pequeno vapor, de nome *Riachuelo*, de propriedade do Estado, o qual melhor lhe caberia o nome de *Sinecura*.

Nesse objecto sem prestimo, e que nenhuma utilidade ou serviço presta, tem se gasto sommas incalculaveis.

Ha quem affiance que so o machinismo tem absorvido mais de quarenta contos; por ahi fará V. Ex. ideia da fabulosa somma que está enterrada no tal-vapor.

Pelo tempo das festas do Natal, dizem, que esse vapor foi destinado a diversas viagens de recreio e pagodes de particulares, o que não se realisou, ou porque tivessem receio, ou porque a imprensa denunciava com antecedencia taes patuscadas.

No domingo ultimo, porém sulcava

ello impavidamente as agoas, levando a reboque dous lanchões e tomava o rumo do Bomfim, onde foi a uma romaria.

Para essa festança, consta, foi preciso fazer-se diversos gastos, assim de preparal-o em condição a receber os illustresromeiros, e essas despezas foram feitas com os dinheiros publicos! V. Ex. vê que o suor deste povo soffredor não deve ser extorquido em proveito de quem se quizer divertir ou cumprir promessas; assim como a nação não tem vapores para estar as ordens de particulares.

—Lê-se nos jornaes desta capital:

« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

«Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continuo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. BARBOSA DE ALMEIDA.»

O sabbado.

Seis dias tem a semana. A segunda, que é das almas, é um bom dia; n'elle promette o devedor que se vê em embarço que lá para o sabbado dará alguma cousa: a terça, a quarta e todos os outros são soffríveis; mas, não sei porque diabolica invenção, tudo que diz respeito a dinheiro, a cobrança e pagamentos foi deixado para o bom dia de sabbado! O sabbado, dia de Nossa Senhora, dia em que o beato vae logo demadrugada ouvir missa em S. Bento; em que a devota de mantilha se empan-turra com seis ou oito rosarios, em que a creoula dengosa logo pelas 6 horas larga-se para a Piedade; o sabbado pois se tem tornado o ponto de horror de muita gente! Isto, se esconde, aquelle inventa de vespera as mentiras que hade pregar; um diz a todos que não está em casa; outro alocce,

e outro finalmente, mais animoso, salta á rua a dar satisfações e a contar historias com que illude a muita gente. Ora, se quizermos fallar a verdade, não é qualquer cousa; é mesmo para perder a cor do rosto, um ombirrente credor, encasinado á porta da rua a rosnar cousas que, bem comprehendidas, querem dizer—pagamento. Isto, quando um homem não tem é peor que uma pilula de oleo de copahyba! Fica se tolerante, e por maiores que sejam os despropositos que se ouçam sempre se diz—o homem tem razão.

—Pois meu amigo, então uso do meu direito. Já tenho vindo á sua casa mais de duzentas vezes....

Bem; então quando quer que appareça?

—Quarta-feira, meu amigo; mas... não; venha sexta; porque tenho aqui um dinheiro que me hade vir pelo vapor, e então o Sr. está servido. Quero acabar com esta continha, fique certo.

São dialogos do dia de sabbado. São promessas que se não cumprem; são palavras do momento; um mau credor é o peor cão de fila que póde haver!

O logista, que vê chegar o dia de sabbado, e nada vendeu na semana, nem tem na gaveta a chelpa, está junto ao balcão como se estivesse no patibulo. Ao menor rumor, parece-lhe já que é a cara avermelhada do tal inglez, que é o visitante mais infallivel do dia de sabbado! Pucha os cabellos, está desesperado, e para vingar-se manda tambem o seu caxeirinho correr aqui e ali e descompor a quantos lhe devem.

Mas... eis o que chega. É um homem de branco, calça sem presilha, e gravata preta.

—Oh! tem dinheiro?

—Porque não se assenta? diz o logiste em brasas.

—Mi não quer sentar: tem dinheiro?

—Inda não recebi; mais tarde...

—Não estar bom esse. Esse não estar bom! —Sabbado eu vem sem falta. Não esqueço.

E vae andando, porque a tal gente de carvão do pedra é de poucos falla-

torios. O pobre logista ficou anniquillado, e fulminado; mas que fazer?
São scenas do dia do sabbado!

(Continúa.)

A PEDIDO.

—Morreu mamãe *Aguntessa*
Do terreiro da Campina;
Houve *segun* (1) concorrido
Da caterva feminina.

Em Pirajá foi a missa,
No dia segunda feira,
Lá vi creoulas, mulatas,
E muita branca altaneira.

Na cidade não ficou
De chita preta uma vara;
E agora quem quizer,
Ila de comprar-a bem cara.

Quem, na rua encontrar,
Creoula de saia preta,
Com um chumaco de contas,
Saiba q'ella é da *trêta*.

Eu, que para taes solias,
Não gosto de perder vasa,
Vesti-me em trages d'*ogan*
E empurrei-me de casa.

Mal eu pisei no terreiro
O *obacouçú* (2) cantou
Trepado na gameleira:
Gente de fora chegou.

As negras á uma voz
Começaram a gritar,
Será gente d'*Alabamba*
Que veio aqui espiar?

Pediram a papae *Dothé*
Que fosse *Fa* consultar;
Mas elle deit'ndo os *búzios*
Nada pode *enchergar*.

Não poderam conhecer-me
Por me suporem da *euca*;
E passando por *ogan*
Tive entrada na *cumbuca*.

Uma scena extravagante

(1) Cerimonia que se usa nos candomblés, por espaço de 7 dias, quando morre algum *filiado*.

(2) *Obacouçu* passaro que os africanos veneram e cujo canto os adverte, quando se aproxima alguem

Tive então de apreciar:
Do corpo todo o cabello
Vi as mulheres rapar.

Depois que esta cerimonia
Burlesca, executou-se,
Em que de sacerdotiza
Serviu *Izabel Loucouce*;

Principiou a tocata
Invocando a alma da morta,
Cuja sombra, dizem ellas,
Viram passar n'uma porta.

Fiquei de queixo cahido
De boca aberta e basbaque
Ao ver *Maria Doufona*
Como tocava tabaque.

E a Cosma Pon.ba Suja
Junto com Feliciano
Choramngavam n'um canto
Effeitos da carraspana.

Dellina *bicho malhado*,
Delmira do dente podre,
Eduviges S. José,
Stavam cheias como um ôdre.

Com dous penachos nas mãos
Vigiana da Campina,
Modulava um canto triste
Com *Anastacia Gonina*.

A Aninha Sororoca
De carçola e toalinha,
Ia matar dous *êtuns*
Que *Achará* pedido tinha;

Quando repentinamente
Sem se esperar *Agueça*,
Da Maria do *Brocô*
Foi se trepar na cabeça.

No meio da confusão
Houve tanta mamadeira
Que a Jesuina Grande
Trepou n'uma gameleira.

A Maria do Bomfim
Estando mui exaltada,
Trepou na *Taquinerê*
Uma grande bofetada.

Houve logo aquieta, aquieta,
Uma a outra segurando.
E eu vendo a cousa feia
Tratei de ir me empurrando.

VARIEDADE.

Variações em branco.

(TH. CAUTIER.)

Cantam as legendas do Norte
Que la nas margens do Rheno,
Mulheres-cysas se banham,
Curvo o collo, o ar sereno.

Que apoz suspendem nas arvores
A encantada plumagem,
Retomando a branca pelle
Mais nivea qu'essa roupagem,

Entre nós eu vejo, ás vezes,
Uma dessas feiticeiras,
Clara couro a luz da lua
Reflectida nas geleiras!

Seduzindo olhares ebrios
Pela magica frescura,
Da carne tenra e macia,
Da deslumbrante brancura!

Seus seios, globos de gelo,
Da cassa por entre as malhas,
Junto as camélias nevadas
Travam justas e batalhas!

Flor e setim são vencidos
Por esses pomos tão bellos;
As alvas roupas, os lyrios
Lividos ficam de zelos!

Um phantastico reflexo
Innunda, cobre o seu collo,
Qual alvacenta geada
De noite branca do pollo!

De que neve virgem pura,
De que hostia, de que cera,
E' feito o branco da pelle
Dessa mulher feiticeira?

Acaso da gotta lactea
Que do ceu o azul esmalta?
Da argentea polpa do lyrio?
Da onda do mar de prata?

Do marmor de que são feitos
Primores de estatuaria?

Da opala que reverbera
Uma luz tão clara e varia?

Do marfim, que faz as teclas
Sobre as quaes suas mãos percorrem,
Mariposas oude as notas
Suspendem beijos e morrem?

Do arminho immaculado,
Que resguarda e dá abrigo,
Ao talhe da deusa linda,
A Venus do culto antigo?

Das phantasticas ramagens
Que fazem leves neblinas?
Dos arabescos da espinha,
Lagrimas frias de ondinas?

Do alabastro que apresenta
A cór de melancolia?

Da assucena que a geada
Vergou na matta sombria?

Da penagem do alvo pombo
Que no ar voa e fulgura?
C'os flocos que o crystal deixa
Em gruta de pedra escura?

E' idolo da Dinamarca
Li desses gelos eternos?
E' a Madona das neves,
Branca esphinge dos invernos?

Anjo coberto de brumas,
Guarda dos montes nevados,
Que traz occulto no seio
Branco segredo gelados?

No coração, que é tão calmo,
Quem fundisse a neve dura...
E visse um raio de fogo.
Nessa implacavel brancura!....

Joaquim Serra.

PRAZER DOS CAIXEIROS

Estafar cavallo nos domingos de tarde
Vestir farda em dia de arrumamento.
Cortejar as familias na rua do commercio.

Applaudir os actores em recita dramatica.

COUZAS QUE CAUSAM SOBRESALTO

Noticia de morte na familia.

Perda de dinheiro.

Queda de cavallo.

Encontro de credor.

Applicação de sangria.

Dentada de cobra.

Passagem de dinheiro falso.

Impetos de valentão.

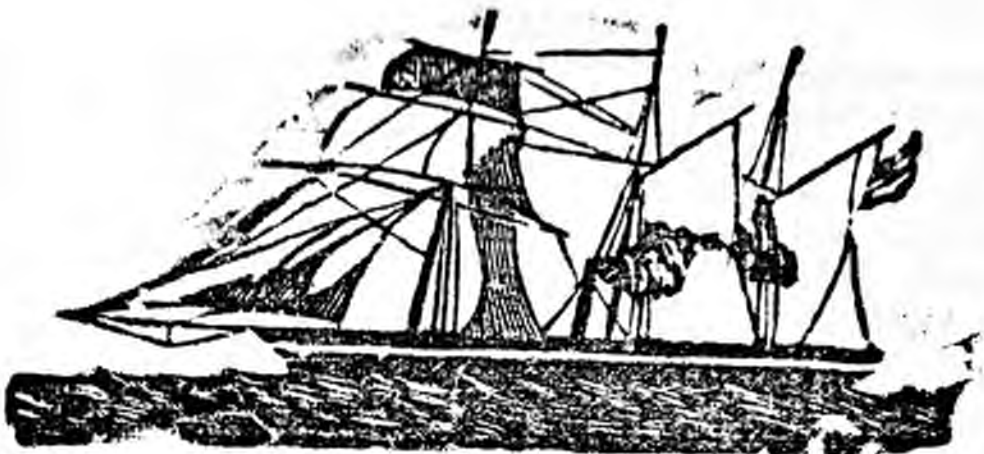
Meirinho na porta.

Recado do namorado.

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 do corrente, a sua escrava africana do nome Celina, de idade de 30 annos, estatura regular, falta de dentes, com os dedos grandes dos pés tortos; achasse prenuhe, e occupa-se no ganho: quem a encontrar e levar ao Pilar, casa n. 92, será bem gratificado. Protesta contra quem a tiver acoitado.

Ignaz Lucia Dias Monteiro,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

6 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N. 172

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160. rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de março de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia participando-lhe que nos infernam, que no dia 26 do passado ás 5 horas, o Sr. tenente do corpo policial Seixas metterá a espada no guarda da primeira companhia Manuel Estevam de Sant'Anna.

Affiançam-nos que o facto deu-se em presença de immensos guardas e sargentos do batalhão, que o offendido queixou-se ao commandante e que o negocio ficou em queixa. E como não é a primeira vez que o Sr. tenente Seixas é accusado pela voz publica de praticar tão indigna acção, espera-se da equidade e justiça, que em alto grau adornam o character de S. Ex. uma providencia, que corrija tão reprovavel abuso, tantas vezes repetido nesse corpo.

—A policia comprehendeu que a epocha era de carnaval e fez sua mascarada.

—Ahi vem V. com pilherias!

—Fez um edital pomposo prohibindo o entrudo, mandou publicar-o nos jornaes e deitou-se a dormir.

—Na verdade, ha muito tempo não vejo tantos excessos.

—Houveram ruas em que o abuso tocou ao delirio; por exemplo a do Collegio, habitada em sua maioria por meretrizes e farpellas; ahi molhava-se indistinctamente até 10 horas da noite e insultava-se a quem reclamava para não ser molhado.

—E os menos prudentes desabafavam-se em proferir uma chusma de improperios e increpações, que ás taes *meninas felizes* não fazia móssa, sofrendo com isso somente a moralidade.

—Parece que a policia comprasiase em sancionar taes scenas e em ver as meretrizes molhar o povo, por que o Sr. José Amaral, delegado, passou por diversas vezes na rua do Collegio, e, com dous olhos na cara, havia de por força ver aquelle escandalo.

—No tempo, em que não havia prohibição, cada um acautelava-se; mas hoje, a gente fia-se no que diz a policia, e vae cabir na ratoeira que ella arma a gente. E o homem que sahe á seu negocio e vem suado; é obrigado a tomar calado uma gamella d'agoa, por que se diz alguma cousa, respondem-lhe—si não quer se molhar, não saia.

—Os mascarados eram ostupidamente apredejados e apupados. Das janellas atiravam-lhes agoa a valer.

—Ora veja que graça! Um homem

quo vem enfronhado naquellas roupas, por força ha de estar suado; além do estrago causado na vestimenta; ás vezes custa bom dinheiro.

—Na rua do Baixo, os boleeiros carregavam a gente para metter em gamellas.

Em S. Bento uma sucia de moleques pintavam a cara de todos os que passavam e davam bordoadas em quem não queria consentir.

Um padre foi atrozmente insultado e houveram facadas, em S. Miguel. cacetadas na Baixa dos Sapateiros cabeças quebradas na Rua da Poeira, bordoadas na cidade baixa e o mais que não se sabe.

—Em S. Bento um soldado do 110, que patrulhava, levou no domingo uma tremenda bofetada de um negro, que deitava polvilho em quem passava, foi preso, porem os companheiros tomaram no do poder da força.

Nas ruas de Palacio, Poeira, Vassouras, Campellas, Atraz da Sé, Rua do Bangala, dos Capitães etc. a cousa esteve fortissima. Disseram-me que até o delegado levou um banho.

—A Bahia vae no caminho do regresso! Não ha força humana, que faça com que certa gente conheça o quanto é prejudicial o barbaro e estúpido brinquedo de entrudo!

—Mas a policia deve empregar os meios, afim de acabar com tão nocivo e grosseiro brinquedo.

—Ha uma multa de trinta mil reis ou trinta dias de cadeia, para quem brincar.

—Qual multa, meu amigo: isso de multas, é historia.

Si o proprio chefe de policia passar por alguma casa, que tenha moças nas janellas, ellas de proposito atiram-lhe agoa, e elle ainda em cima, cheio de si, ha de fazer-lhes uma barretada!

—Mas não ha de acontecer assim, si for um pobre diabo!

—Ah! Este vae logo espiar seu crime; mas se for em casa de grande fausto, pode-se molhar á torto e á direito, que nada ha de ter, porque para esta não ha lei, não ha multa, não ha cadeia!

—Então o que se segue d'ahi é quo si o entrudo continúa, é porque a autoridade fecha os olhos para os grandes e só esmaga os pequenos!

—Não. É porque a lei é igual para todos!

—Assim dizem.

—Foi ao baile mascarado?

—Não. Mas ouvi dizer que esteve assim, assim; menos mal.

Dizem que houve concorrência, e boa ordem, a não ser um desaguisado entre a Paqueta e seus adoradores.

—Tenho um escravo um pouquinho doente, mas cuja molestia é encoberta. Si soubesse que o Dr. Souto comprava-me, ia offerecer-lhe; dava-lhe mais baratinho, por uns 600 bicos.

—Qual! o homem só compra escravos moços e robustos a conto e duzentos.

—Ai. . . . ai. . . .

—Não empurra sua buxa.

—Esta nossa policia é boa! . . . Consente cousas!

—O que foi?

—Nada mais do que isto:

Sabe que parte da gente mais ignorante da nossa população, e principalmente aquella que é oriunda da raça africana, dá-se á pratica de? candomblés, onde toma-se ventura, levanta-se a cabeça, e outras cousas extravagantes.

—Sim, Sr.

—Entre essas praticas, ha uma assaz curiosa: é a cerimonia de *fechar o balaio*, o que significa o encerramento das festanças da seita durante as semanas da quaresma; dura 11 dias, principiando no sabbado anterior ao do entrudo e acaba na terça feira posterior á meia noite. Ahi pratica-se tudo quanto ha de mais abusivo, grosseiro, e reprovado pela nossa religião.

Este anno a policia consentiu a *folia* em larga escala, em diversos pontos dos arrebaldes desta cidade, onde ha terreiros reuniram-se immensidades de africanos, e gente de toda a qualidade e até de alta posição, a celebrarem o

mysterio de encerrar o balaio, o que seria nuda, si não fossem os escandalos e até crimes, que nelles se dão: escravos fugidos da casa de seus senhores, pessoas inexperientes que por outras são levadas; e lá ficam por muitos meses, á titulo do *santo*, tirar o que não é mais nem menos do que o effeito de certas bebidas que faz a pessoa cahir em adormecimento, e ser encerrada n'um quarto, defloramentos etc.

E' preciso notar que só cahem no *santo* mulheres; homens não.

—E até mortes tem havido.

—O que admiro, é a policia dar licença para isso.

A subdelegacia do 2.º districto do Santo Antonio deu mais de uma licença para tal divertimento.

—A policia actual tem queda para o spiritismo.

Ha spiritismo de branco, esse outro é de negro.

—O que resultou? O carroceiro da empresa do accio, que varre na rua do Tijollo, foi ao Engenho Velho, apreciar o tal pagode e veio de la moqueado de pau, que não se meche.

—Bem, era o que faltava.

—Onde é que ja se viu uma policia, que quer ter foros de energica e illustrada, dar permissão para o exercicio de usos grosseiros, que depõe contra a civilização do povo? Só a dos Srs. Galvão e Amaral.

A PEDIDO.

Pede-se ao Sr. subdelegado do Segura Parede, que lance suas benignas vistas para o sobrado nº 68 ao caes do Ouro, onde consta que ha constantemente o amavel vispora e acaba pelo infalivel pacau, bancado por certo inspector de quarteirão, o que, á ser verdade, muito desconceitua a policia da freguezia de S.S., onde a desmoralização principia pelo homem de confiança.

SONETO

A certo empregado morador defront
da parede das freiras.

Quasi tudo se compra com dinheiro,
Ou seja ouro ou zimbo, ou prata ou cobre;

Porém educação rico nem pobre
Encontra p'ra comprar no mundo inteiro.

E tu, por não a teres, meu sendeiro,
Insultas a familia de quem sobre
A tua está; pois em principio é nobre...
Empregado, que és bom nem p'ra porteiro

Assim não continues, meu fulano,
Que então verás direito a patacoada,
D'aquelle a quem pozestes de cigano.

Esta linha, que abaixo vae grifada,
Repara, e mette a lingua em sujo cano:
Cigano é quem se muda em madrugada.

O cigano filho.

—Sabe mo dizer, si ainda existe uma Philarmonica, quó havia na Baixa dos Sapateiros?

—Creio que acabou-se.

—E pagaram ao mestre?

—E' de sua conta?

—Queria saber.

—E se não pagaram ?

—Eu publicava-lhes os nomes.

—Ora o diabo ficou velho com o trabaho dos outros.

Veio do porto de Paraguassú a barca *Amelia* carregada de prenhez; descarregou nesta Latronopolis sendo capitão o *As de Paus*, o qual tem se empenhado com um proprietario abastado para despeijar uma de suas casas na freguezia do *Chaveiro* para melhor dar as suas orgias com seus marinheiros; este *As de Paus* é casado em Porto do Gal e a sua mulher existe lá; mas cá tornou a cazar sem que disto tomassem conhecimento.

—Capitão, este é da schola do Dr. Bebé.

—Este quem?

—Este deputado provincial do Rio Grande do Norte.

—Quo tem elle?

—Ouça este pedacinho, e ajuize.

« O Sr. *Hemeterio*:—... Pergunto ao nobre deputado em nome de que principio politico falla? Será em nome do partido conservador ou do partido liberal?

O Sr. *Hermogenes*:— Em nome do bem publico.

! « O Sr. *Hemeterio*:—Eu pelo que ouço dizer o nobre deputado em algumas occasiões, entendo que é muito liberal.

! « O Sr. *Hermogens*:—E sou muito liberal e tambem muito conservador (*riso*.) Ah! estão os meus actos que provam o que sou.....

.....
—Não tem duvida, é dos taes,

—Anda por esta cidade, e principalmente pelo Forum, um moleque que é o typo da obscenidade e depravação.

Tem requebros e ademaes que uma mulher não o vence.

Consta que é ou foi escravo de um Sr. *Tourinho* morador ao Baluarte; lugar em que elle pratica em maior escalla a suas immoralidades.

Os gesto afeminados, as acções impudicas que pratica esse desavergonhado, obrigam as familias a encerrarem-se dentro de casa, sem que cheguem as janellas.

Além disso, as mulheres de capona, os pobres e os doentes, são victimas dos apupos e apedrejamentos do endiabrado. Toda a vizinhança é ladra de galinhas na bocca desse devasso, por que entende elle que deve criá-las pelos quintaes alheios.

Em nome da moralidade, pede-se aos Illms. Srs. delegado e subdelegado de Santo Antonio lancem as vistas para tão lascivo e pervertido moleque, e ao menos o mandem por algum tempo passeiar na Correcção.

—Esperamos.

VARIÉDADE.

COUSAS QUE CAUSAM DESESPERO AOS MILITARES.

Puchar a espada, ficar o ferro na bainha e os copos na mão.

Cahir do cavallo em dia de grande parada

Ouvir ler uma relação de despachos, em dia de galla e ver-se preterido.

IDEM A TODOS EM GERAL

Ter os numero; da loteria immediato ao de sorte grande, e sabirem-lhe braucos.

Ver cabir chuva a pótes na hora marcada para uma—entrevista feliz.

Ver morrer de repente sem testamento, a pessoa de que se esperava um legado vantajoso.

Dar espirito no meio de senhoras, e estalar com estrondo o fundilho das calças.

Esperar por quem não chega.

Ir a cavallo e empacar o animal na rua havendo moças pela janella.

Regeitar um bilhete e ver depois o numero no jornal com a sorte grande.

Apanhar uma personagem em mouteira e não poder contradizel a

COUSAS QUE PREJUDICAM

Soberba em gente pobre.

Miseria em gente rica.

Faltas nos empregos por doença.

Audacia de subdito.

Conversas prolongadas.

Arreganho de familia.

Mulher velha agregada.

Leitura de novellas.

Labia dos catres jesuitas.

Soffrimento de dôr de colica

COUSAS FACILS E DIFFICILS.

A coisa mais facil que ha, é ser homem de bem; para o que basta somente fazer sempre o seu dever, e ter voutade e proposito firme para isso,

A coisa mais difficil que ha, é ser homem de bem; porque é mui difficil o conhecer sempre qual é verdadeiramente o proprio dever, e porque, ainda que este conhecimento se adquira, restam a vencer os grandes obstaculos á que a isso oppõe os malvados por todos os meios ao seu alcance, e principalmente ficam a vencer as grandes paixões humanas, e a natureza das cousas oppõem constantemente á tendencia da voutade.

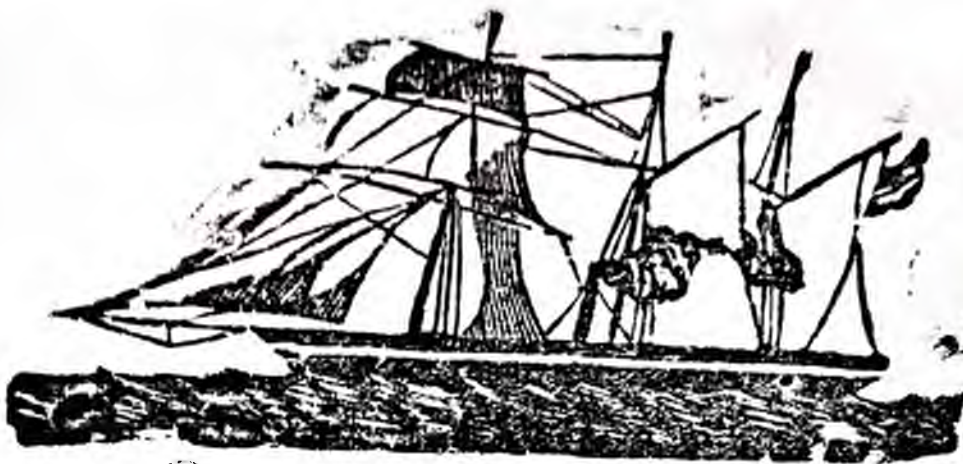
A coisa mais facil, é pagar havendo dinheiro, assim como é a mais difficil e até impossivel em não o havendo. Isto não precisa de explicação.

A coisa mais facil que ha, é fazer versos e ser poeta, porque não ha, ahí ninguém que se não metta a fazer isso.

A coisa mais difficil que ha, é fazer versos e ser poeta, porque o fazel-os bons, e ser poeta como deve ser, não é tarefa para todos, e que qualquer possa desempenhar com successo.

A coisa mais facil que ha é comprar bilhetes de loteria.

(Continúa.)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

8 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N. 173

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.^o districto, participando-lhe que no Engenho da Conceição costumam apparecer á noite uns engraçados vestidos de fantasma para metterem medo ás pobres pretas que por alli passam, pelo que muitas tem largado o carregio que trazem para poderem correr, o que elles aproveitam para roubar.

Pede-se pois a S. S. que mando agarrar esses rapinas, que talvez sejam optimos fantasmas para fazer recuar o despota Lopez.

—Ao Illm Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra os capadocios que vão a noite perseguir um pobre preto cego de nome Jacob, na rua Direita de Palacio, ao pé do Passo da Patria, do que resulta que elle enfurecido atira pedras ao acaso, as quaes vão offender a quem desapercibido transita, como ainda no dia 1.^o do corrente aconteceu, sendo victima um moço caixeiro do Sr. Barata.

Espera-se da actividade de S. S. uma providencia a tal respeito.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-

lhe que vá á rua onde, com a ajuda de *Nossa Senhora*, moram certos individuos em um sobrado côr de rosa, o passe a multal-os, por infracção de postura, visto que matam alli porcos em um pequeno pateo, o que muito incomoda a vizinhança com a fedentina, proveniente do sangue e mais materias que alli ficam. Cumpra.

—Quando o Sr. ouvir em nossa terra dizer economia, diga— é burla!

—Nem tanto.

—Ora! Quando se economisa por um lado, desperdiça-se por outro.

A pretexto de aliviar os cofres, creou-se um corpo provisorio para fazer o serviço da guarnição da cidade; entretanto que ha 5 mezes estão aquartelladas umas 60 praças com o nome de 6.^o batalhão, pagando-se a um tenente-coronel, um major, um ajudante e o competente estado maior!

—Creio que o commandante não recebe soldo.

—Não sei disto. O que me informam é que S. S. nem ao quartel vae; assigna os papeis em casa.

—Sendo assim, acho mau: o commandante, é quem deve dar ao soldado o exemplo de promptidão.

—Dizem-me que o serviço torna-se pesadissimo, pelas faltas: ha officiaes que dobram tres e quatro dias.

Ora diga-mo para quo essa nesga do batalhão aquartellada?

Para organisal-o? é impossivel por que elle esta no mesmo.

—O quo quer dizer aquillo? O conego Cyrillo de murça do velludo e aquelle outro de murça roxa?

—Eu sei lá! Não entendo de negocios de padres!

—Logo que a missa é do Spirito Santo, á que vao assistir o corpo eleitoral, parece-me que os Srs. conegos deviam usar todos de um uniforme.

A PEDIDO.



—Capitão, vê aquelle tropiante de cara enfumaçada, olhos flamejantes como a onça, que alli vae apressadamente, puchando de uma perna com ares de Lucas da Feira?

—Quem é elle?

—E' o celeberrimo *Medonho*, contra quem tem V. Ex. recebido tantas queixas.

—A proposito, chame ca esse car-cavista.

—Ah sôr besta de dous pés, sabe que tem de comparecer á presença do capitão?

—Para que?

—Lá o saberá.

—Logo agora que vou com tanta pressa, tomar leccão ás minhas discipulas!.....

Valha-me *S. Lazaro*.

—Com esta parte, enganou V. ao *Silva, Medonho* do inferno, porem comigo não colla.

Siga si não quer ir ja daqui provando a taca.

—Estou a seu dispor.....

—Capitão, aqui está o animal.

—Caspite! Sr. jamanta! Vem-me V. assim com umas feições de lobo esfaimado, quando esta na estrada.....

—Sou o mais baixo creado de V. Ex. Estou prompto a executar qualquer serviço que me ordene V. Ex.

—Não é com essas que me illude!

Onde ia desembestado como um sendeiro?

—Ia dar leccão a minhas discipulas

—Então V. é professor? Eu o comia por borrador de paredes.

—Sou professor de piano.

—Professor da pata que o pôz, patife de um dardo!

—Entendo alguma cousa da arte de sollejar, capitão; executo meus pedacinhos bellos na minha *rabeca grande*.

—O muxingueiro te fará executar melhores pedaços na cloaca do navio. Olá muxingueiro?

—Aqui estou, capitão.

—Toma os signaes caracteriscos desta alimaria.

—Chegue-se para cá meu lorpa.

Ora vamos lá:

Cabeça—de bode quando está no cio.

Cabellos—encarapinhados e crespos como pelle de tubarão.

Rosto—enfumaçado com malhas pardacentas tirando a preto, cor da atmosphera, quando ronca trovoadas.

Testa—de ourang tang.

Unhas—do gavião.
 Olhos—do serpente.
 Dentes—do crocodillo.
 Labios—imitando as garras do tigre.
 Nariz—de tromba.
 Orelhas—de jumento.
 Costas—de dromedario
 Physionomia—de camello.
 Lingua—de porca parida.
 Aneas—de burro.
 Pescoço—de baguá.
 Beiços—imitando a tromba do elephante.
 Pernas—arqueadas.
 Pés—de cabra.
 — Prompto, capitão,
 — Bem.

Leva este demonio para o porão e mette-lhe um par de machos ao pescoço até amanhan.

(*Continúa*)

— Ah! Julio Feijoada dos seiscentos! Hade este bigorriha embebedar-se para encommodar a visinhança!

Que sarceiro!

Tomou uma cartaspana e metteu o cacete em cheio na mulher!

Esta sahio para a rua e foi um *perluvio* dos diabos!

— E para onde foi a mulher?

— Correu para a venda d'America.

— Este cara d'areia mijada, é o demonio em pelle!

— Que quer? Si o mandassem de vez em quando fazer uma visita ao Custodio.

— E teve peito este alarmista, de deitar nas folhas a Petronilia, pobre mulher, que vive pacificamente a criar seus filhos.

— Diz que o maeaco não olha p'ra seu rabo.

— Varro! o rabo delle.

Pergunta-se ao Dr. Surdo-é, qual o fim que deu aos cem mil reis recebidos em Corrientes, para entregar á desvalida e infeliz familia de um voluntario da patria.

Teria S. S. lançado mão desse dinheiro para satisfazer as despezas de

viagem que acaba de fazer, com o intuito de inutilisar a certa honrada administração?

Ou teria S. S. arriscado-a em alguma vallette?

Resposta lhe pede o

Curioso.

— A *Constituição* hoje traz um artigo de um *Eleitor da Sé* dizendo que não houve compromisso de votarem no Sr. Luiz Antonio

E' verdade, porém não è capaz de negar que os candidatos quando pediam votos ao povo, diziam que haviam de votar nos Srs Cunha e Luiz Antonio, (avançando alguns que não havia força humana que os arrancasse de semelhante proposito) que, si não usassem desse alvitre, a chapa chamada progressista teria triumphado, dispondo como dispunha do apoio official, porque a não serem aquelles que votam de cabresto por subordinados, os que devem favores e obrigações, os mais, que votam livremente em quem tem vontade, votaram no sentido de que os eleitores dariam seus votos ao Sr. Luiz Antonio, porque assim era apregoado em toda a partes e a qualquer hora.

Até o auxilio de mulheres foi invocado nesse sentido.

Pode o Eleitor da Sé explicar a razão porque retirou-se da chapa o illustre redactor da *Constituição*?

O tal Eleitor da Sé bem sabe que na sua chapa ha homens que na freguezia da Sé á respeito de sympathia popular estão abaixo de zero e outros cujos nomes nem conhecipos são.

— Não faz mal, assim mesmo o povo não ha de se dezeenganar com esses factos.

Pede-se a certo *director de metaes* do trem do mar que por Santo *Horacio* entregue os 20\$ do M. B. que no caixão do mesmo tirou por *brincadeira*, para que não aconteca como a moeda que por *brincadeira* ficou no bolso.

Um observador do caso.

Atenção.

Tendo eu accedido o cargo de inspector interino do 9.º quartelão, á pedido do Sr. Jovino Cezar da Silva e do Sr. delegado Amaral, que nesta época entretinha as mais amigaveis relações comigo, e depois tornou-se meu des-affecto, por causa do spiritismo, venho a imprensa para mostrar ao publico os meios do que este Sr. delegado lança mão para vingar-se de quem, como eu, não acredita na tal *sciencia spiritica*

Leiam e apreciem como a authoridade superior (por caprichos speriticos) garante os actos do subalterno.

«Illm. Sr.—Indo, por ordem de V. S., accomodar um conflicto entre tres mulheres e dous homens, em uma casa ao Cruzeiro de S. Francisco, lá encontrei alguns guardas policiaes, que, á mandado do delegado do 1º districto, iam levar-as á sua presença

Recusando-se essas mulheres á irem á presença do delegado e sabendo este que eu alli me achava, por um dos guardas mandou dizer-me, que obrigasse as ditas mulheres á comparecerem ante elle; pois que para ellas já havia ordem de prisão.

Depois de ser insultado, bem como todas as autoridades policiaes, por essas mulheres de má vida, de um modo descommunal e vehemente, reiterando-lhes a ordem de prisão, afinal, com muito trabalho, sempre consegui levar-as á presença do delegado; e expondo-lhe as occurrencias que se deram, e os insultos que soffri, elle, sem attender á minha parte, soltou-as immediatamente com um dos homens, que estavam no conflicto com ellas, mandando somente para a Correcção o outro, que na minha presença nada disse-ra.

Em vista d'isso, não podendo eu continuar no exercicio de inspector interino do 9.º quartelão, pelo desprestigio, que sobre mim lançou a authoridade superior, peço á V. S. a minha demissão do dito cargo. Bahia 5 de março de 1867.—Illm Sr. subdelegado do curato da Sé.—A. R. de Sant' Anna.

Concedo a demissão pedida — Bahia e subdelegacia da Sé, 5 de março de 1867.—Ribeiro.»

VARIETADIE.

Em um exame de introdução á historia natural, em certo lyceu, perguntava o examinador ao alumno:

—Como provará que o calor dilata os corpos?

—Facilmente, respondeu o rapaz.

Bem vê que no verão os dias são maiores.

EFFEITOS DA PINGA.

Um adorador de Baccho dizia:

—Est u cada v z mais admirado. Não bebo de proposito senão vinho branco, e o meu nariz vaê enrubecendo como si eu bebesse vinho tinto!

REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha revolucionario, que não se inculque de patriota.

Não ha fortuna ganha com escravos, que dure muito tempo.

Não ha usurario, que não tenha demandas.

Não ha vinho de taberna, que não tenha mistura.

Não ha quarto de petit-maitre, que não tenha pontas de charuto.

COUSAS FACEIS E DIFFICE'S.

A cousa mais difficil que ha é aceitar com o numero da sorte grande.

A cousa mais facil que ha, é morrer.

A cousa mais difficil é saber o dia e a hora.

A cousa mais facil que ha é mentir.

A cousa mais difficil que ha é fallir a verdade.

A cousa mais facil que ha, é adquerir molestias.

A cousa mais difficil é acertar-se com um facultativo, que as conheça e as cure.

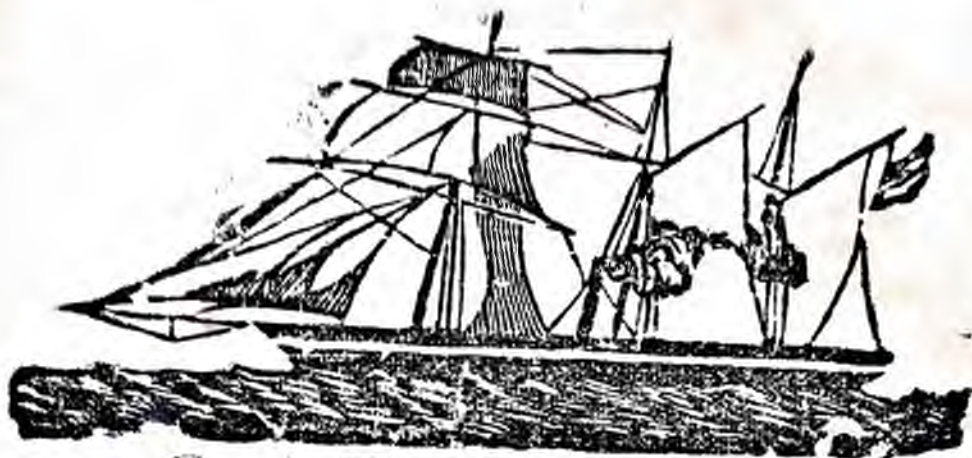
A cousa mais facil que ha, é entregae-se a gente ao vicio e ao ocio.

A cousa mais difficil é encontrar um amigo verdadeiro, e o rato fazer ninho na orelha do gato.

A cousa mais facil que ha, é achar-se muitos amigos.

A cousa mais difficil que ha, é encontrar-se um verdadeiro.

(Continúa)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

9 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N. 174

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõs. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 8 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, pedindo-lhe que, por commiseração á humanidade desvalida, dê providencias afim de que tenha algum destino uma infeliz creoula, idiota, que anda pelo seu districto á vagar, dormindo no campo e pela Estrada da Valla. Essa miseravel, de mais a mais, está em vesperras de dar á luz o fructo da impudencia de algum desalmado, que não se pejou de abusar da desgraça de uma mentecapta. Espera-se portanto, que S. S. attenderá ao pedido.

— Os ladrões tomaram á peito aca-bar com os cavallos e burros na Calçada.

— Em quanto elles não vierem á estribaria do chefe, é bom.

— So nestes dias levaram um cavallo russo do Sr. Gomes Ribeiro, um castanho do filho do Sr. Jacyntho Fernandes da Costa, um burro de um africano liberto, dous de um allemão, que tem carroças, e, na noite de 5, ia um dos taes sujeitos com outro burro, quando deram por elle; o maganão argou o animal e deu as gambias.

Dizem que são sujeitos, que andam acoitados pelo Bom Gosto e Engenho da Conceição e á noite sahem para fazer das suas.

— E' cada um que tiver seu cavallo, ter cuidado com elle.

— Haverá quem se recuse a dar 500 rs. para um pobre pae de numerosa familia, o qual se inutilisou no serviço da patria, defendendo-a com as armas na mão?

— Creio que não.

— Pois neste caso está o Sr. Trajano Gomes de Castro, antigo militar, que hoje se acha sobre um leito, baldio de recursos para manter sua familia. S. Ex. o Sr. presidente concedeu-lhe um beneficio no passeio publico, que ha de ter logar no domingo, e é de crer que o nosso publico, bemfazejo e caritativo como é, concorrerá com seu obulho em soccorro da desventurada familia, além de que terá algumas horas de distracção ouvindo tocar bellissimos pedaços de muzica.

— A que horas principia?

— As quatro da tarde. O preço da entrada é 500 rs.

— Bem, hei de ir até lá.

O sabbado.

(Conc'usão)

O empregado publico infeliz ou per-

dulario, que deve no armazem e na loja, no açougue e ao sapateiro, ao alfaiate e á casa de pomadas, no dia de sabbado, nem que o chefe da repartição o mate, não está effectivo no seu lugar. Sempre anda pelos cantos; mette-se no archivo, que é sempre mais retirado, e á cada pessoa, que entra na repartição, elle muda de côr. E' um verdadeiro supplicio para elle o dia de sabbado! E quando algum mais impertinente o descobre ...

—Sr. Fulano, meu amo me mandou cá.

— Já sei, amigo; falle baixo ..

— Elle lhe mandou dizer...

— Já sei; no fim do mez.... falle mais baixo.

— Mas elle não pode mais esperar.

— Sim, sim ... já sei, quando receber o ordenado.

E vae logo conduzindo o sujeito para a porta. São couzas do dia de sabbado. Não ha melhor comprehensão do que a do homem que deve!

O figurão, que compra tudo e manda levar tudo á casa; que não falla a ninguém, tambem tem medo do dia de sabbado.

O pobre do credor, que deu seu genero despendendo cortezias e excellencias, e que já veio vinte vezes, e sempre achou o excellentissimo, ou no banho, ou deitado, ou com gente, ou incommodado, perde a paciencia e no sabbado começa a rascar na porta. Então não ha remedio, falla-se o mente-se largamente, porque, quanto mais personagem, mais mentiroso. Um, sabemos nós, homem de representação, que, ouvindo a gritaria que na casa lhe fazia o credor, chegou ao ralo da porta, e, fingindo uma voz doce e de mulher, disse:

— O Sr. Fulano não está em casa.

— Pois, minha Sra, respondeu o simplorio credor, diga ao Sr. seu marido, que o mando pôr no Jornal.

— Sim, Sr., eu lhe direi. Mas, por quem é, tenha paciencia.

— Qual paciencia, minha Sra.! Olhe que foram couzas que me comprou na loja para o bailo de...

— E' verdade. Mas a primeira couza que lhe peço!

— Bem, minha Sra, não me chamará sem condescendencia. A Sra. é quem me fica por fiadora?

— Sim, Sr.

— Então virei outro dia.

E com semelhante estrategia de devedor em afflicções, passou o homem naquelle sabbado sem barulho.

E o que não duresmos do pobre trabalhador de officio, que com os olhos compridos considera o dia de sabbado com prazer, porque é o dia em que conta com o bago para si e sua familia, com o bago no sabbado, para a patuscada no domingo, e que chega no dia de sabbado e se vê logrado pelo mestre, ou dono da officina! Oh! uma dentada de cachorro damnado não põe por certo mais enfurecido ao pobre official.

O dia de sabbado é tambem um dia de colicas para os donos das officinas. No sabbado recebe o carregador de cesto o seu cobre da semana. O official de alfaiate, o sapateiro, etc., da mesma maneira; o typographo ronda a porta do gabinete do dono ou administrador da casa, com uma terrivel gana; a menos que o administrador não fuja para os arrebaldes da cidade a fim de não pagar. Em fim, o dia de sabbado é um dia de todas as afflicções, colicas e trabalhos; a mentira vende-se aos alqueires em tal dia e tudo anda na carreira.

Nós mesmos, que estas linhas escrevemos, temos sido victima de um tal dia; e Deus sabe quantas colicas tambem temos passado!

Safa, com o dia de sabbado!....

A PEDIDO.

— Um pedido ao Sr. subdelegado dos Mares.

— Faça o.

— E' que quando mandar varejar as casas de africanos, seja em occasiões em quo os mesmos estejam nellas, a fim de evitar que se queixem os ditos africanos de extorsões e subtracções, que soffrem em seus haveres pelos agentes encarregados dessa commissão.

Ha poucos dias foi varejada, entre outras, a casa do africano Abraão o

queixou-se da falta de 600 bagos, um outro queixou-se do que lhe tiraram 308 rs. e outro 17\$.

Além do que acho inconstitucional abrir-se uma casa sem estar seu dono, e não havendo motivo urgente.

—Acho que está no caso de ser attendido; tem toda a razão.



—O' muxingueiro?

—Prompto.

—Vae buscar o alquilé *Medonho*.

—Capitão, aqui está o *sabujo*.

—Então meu insigne professor do piano, como passou V á noite, la pela cloaça do navio?

—Ah, Sr capitão, passei uma noite levada dos diabos! Apesar de meu principio ter sido *cunheiro*, e de muitas vezes ter feito limpeza no ourinol de certo personagem, com tudo, depois que por minhas artimanhas tornei-me rico, e andei de carro, perdi o costume; por isso, esta noite vi-me atrapalhado para fazer a limpeza de bordo. O Sr. muxingueiro de laca sobre mim, eu sem poder desembaraçar-me com um par

de machos ao pésoo; que martyrio! quo ancias!

—Nem por isso tomarás brio, e deixarás esse genio de rapina.

—Eu si desta me safar, prometto emendar-me.

—Em quanto não sahires daqui, saltador audaz.

Que diabo de tratada é uma que queres fazer com aquelle hor e n, que cria *pintos* no *campo* onde havia uma casa de guardar *potrora*?

—E' cousa muito licita; ando afraz delle para edificar em um terreno que tenho nas *Bengalas*.

—Isto é, andas a arranjar uma armadilha, onde o homem metta o pé.

—Não Sr., neste negocio ando com a maior lisura do mundo, tanto que effereci-lhe de graça telhas velhas, tijollos e mais accessorios.

—Ahi mesmo esta a tua manha de ladrão; assim que vires o homem com a casa edificada, propões-lhe uma acção para elle te pagar os teus velhos cacos como si fossem novos.

—Eu nas minhas questões sempre sou victima, porque procedo de muito boa fé.

Ainda agora ando ás voltas com aquelle alcijado do *Themaz*, que quer comer o meu suor.

—Alma de Satanaz, mentes! tu és quem quer roubar o homem.

Trataste uma cousa, não cumpriste, sem embargo do que, elle te pagou pontualmente e em cima queres, por meios fraudulentos, usurpar-lhe alguns contos de reis.

—Eu sou exactissimo nos meus tratos, ainda não contractei uma obra, que não cumprisse o que ajustei.

—Deitando materiaes podres, madeiras velhas e ordinarias.

—Sr. capitão, a madeira quanto mais velha, melhor para construcção.

—Ora deixe estar, que quando eu encontrar o *Lazaro da Silva Medões*, que tambem é mestre de obras, e entendido nestas cousas, hei de perguntar-lhe si isto é verdade.

—Pode V. Ex perguntar e elle lhe dirá si a madeira quanto mais secca não é melhor.

— Agora dizo-me, quantas discipulas de piano tens?

— Algumas, Sr. capitão.

— Pois ha neste mundo quem se lembre de tomar semelhante mono para mestre?

Ora vejam que dedos de caranguejo'.

Não é melhor que vás comer capim, creatura bestial?

Muxingueiro, dà 500 calabrotadas nesta cara calejada, e depois leva esse bruto para o porão até segunda ordem

(*Continua*)

MOTTE

*São como a hera viçosa
Os filhos do nosso amor.*

T R .

GLOSA.

Na mocidade fogosa
Os nossos sonhos e anhelos
Queridos, puros e bellos,
São como a he a viçosa
Mas ai! si a sorte ciosa
Mostra um dia o seu rigor,
Anhelos, sonhos em flor,
Murcham, cahem sem perfume,
E consome o atroz ciume
Os filhos do nosso amor.

P. M.

Chama-se a attenção do Sr. Dr. chefe de policia para um Sr Silva, conhecido pelo *nariz torto* por ter um defeito no nariz e que anda sempre pela Ladeira da Saude, por ali ser a morada de uma senhora que o creou. —

Esse individuo, anda á noite em companhia de outros, pela Estrada Nova, a abalroar as pretas, atirar-lhe ao chão as gamellas e espancal-as.

Na terça-feira á noite fez proezas na ladeira do Ferrão, tentando até arrambar uma porta. Ja foi empregado na estrada de ferro.

Espera-se providencias.

VARIÉDADE.

REGRAS PARA INCULCAR RIQUEZA,
TRATAMENTO, E IMPORTANCIA
EM PUBLICO.

Passar á cavallo de tarde com lica o galoado.

Festejar annos de mulher, e filhas com estrondo e sacrificio.

Tratar em ausencia aos parentes e irmãos por Sr. fulano.

Apresentar bulle de prata no chá quotidiano.

COUSAS INSUPORTAVEIS

Homem adulator.

Mulher depravada.

Negra catinguenta.

Chifradas de touros.

Dentadas de cobra

Cama com persevojos

Caminho de areia com sol quente

Ciume de mulher velha.

Fedor de couro.

Bebado atrevido.

Jornalista mentiroso.

PRAZER DOS INGLEZES.

Fazer caminhos e tudo mais de ferro.

Beber bom vinho ao jantar

Beber cerveja e comer queijo londrino.

Arrancar o ouro do Brazil para deixar papel.

IDEM DOS PORTUGUEZES

Comer chouriças do reino.

Conhecer o conde de Farrobo.

Calçar meias de lino.

Admirar o Tejo.

IDEM DOS ITALIANOS.

Garganteiar palavras.

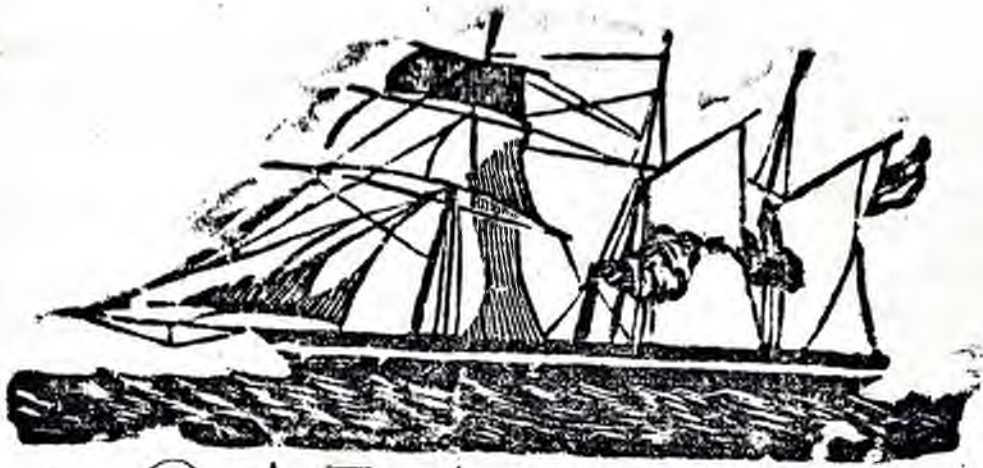
Temperar rabiólis.

Inculcar reliquias

Fallar mal do papa.

ANNUNCIOS

Sabbado 2 do corrente, desapareceu do cemiterio do Bom Jesus, o mulatinho Aleixo, de idade 14 annos, escravo do administrador do mesmo cemiterio; no domingo foi ao quartel do Forte de S. Pedro para assentar praça, porém o Sr. coronel Carvalho conhecendo que era escravo mandou-o embora, e desde esse dia não tornou mais á casa; levou vestido jaqueta e calça de riscado de listras de cor, chapéu branco pequeno, de palha de alho; tem sido visto em diferentes ruas da cidade e ultimamente nas proximidades do Forte de S. Pedro, onde se presume que elle dorme, quem o pegar e levar ao dito cemiterio a seu Sr., será generosamente recompensado.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

12 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N. 175

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe, que, por intermedio de sua authoridade, faça conter um ajuntamento, que ha em uma casa á rua do Areial, em Itapagipe, pois havendo por alli familias, vivem estas incommodadas com as excessivas e continuadas immoralidades a que dá logar a constante embriaguez e deboche, em que vive a *pandega*, quo se reúne na mencionada casa. Espera-se receber mercê.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um enlhabrado creoulo, cego de um olho, de nome Angelo, o qual anda pelo Ferreiro a fazer cousas do *arco da velha*; tentou assassinar o mestre, em cuja companhia vivia, e arribou de casa; agora anda a provocar desordens, fazendo alarde de valentão. Na noite de 3 do corrente, a não ser o inspector de quarteirão, parece que elle matava de pancada a um menino na rua das Laranjeiras; tambem, ha pouco, reunido a um mudo, desastrado como elle, foram insultar ao Sr. Jesuino, ex-praça de voluntarios, empregado na typogra-

phia do *Liberal-Progressista*; esse homem viu-se tão provocado, que foi obrigado a lançar mão de um feixo de lenha para se livrar dos doestos e ameaças dos dous agressores.

Costuma encurralar-se na quitanda de um tal Pedro, junto a egreja de S. Pedro dos Clerigos.

Pede-se a S. S., que, tomando em consideração o que aqui se lhe expõe, dê providencias.

—Os apologistas do Sr. Tiberio dizem, que elle por nada queria ser deputado, por ser isso prejudicial á sua saude. S. Ex. quando está na côrte vive sempre doente da garganta.

—De muito fallar não é.

—E gasta mais do que ganha.

—E assim mesmo quer ser senador, que é negocio vitalicio, e tem de ir todos os annos.

—Para V. ver quanto pode o acrysolado amor da patria em certos peitos!...

—Fui ouvir o sermão na Misericórdia, e parece que vim peor do que fui.

—A razão?

—Porque levei todo tempo a murmurar dentro do templo.

—Quem lhe mandou.

—Ora, quem pode ver impassivel uma sucia de sujeitos quo se encara-

pitam das grades para dentro do lençinho ao pescosso e com outro na mão, todos admados, a se abanarem, e a fazer tregeitos mulheris? Isso é ridiculo!

—Ora V. não sabe, que ha homens que tem queda para tudo quanto é balda de mulher?

A justiça.

(Conclusão)

Em ultimo apuro é melhor não ter justiça alguma, e entregar os crimes á reforma do tempo, do que ter a justiça mal administrada, sustentando rapinas e perseguindo a innocencia para deixar o crime impune.

Para termos uma justiça bem administrada é de primeira necessidade que haja muito cuidado em nomear para os logares, ou varas de jurisdicção, homens de conhecido merito, habeis na jurisprudencia, e não rapazolas sabidos dos bancos das academias, ainda estranhos e faltos de experiencia, porque governar povo não é criar gallinhas; é mister que, antes de ser nomeado o juiz, se faça uma indagação *vista et moribus*, e então depois se lhe dê um ordenado sufficiente, e não miseravel, para que elle tenha com que fazer face á cathegoria do cargo, sem precisar de abusar. Exigem as academias que se estude tão somente cinco annos para se tomar o grau de doutor em jurisprudencia ou sciencia da justiça; e para doutor em medicina exigem seis annos, o que não acho de razão, visto que a jurisprudencia é mais exacta e fundada em principios mais certos do que a medicina: pelo menos deviam ambos ser considerados eguaes, visto que um curativo de medico equivalle a uma demanda, só com a peor differença, de algumas vezes, darem no fim a sentença de morte sem o doente a merecer; si uma reforma exigisse d'ora em diante seis annos para o curso de jurisprudencia, seria muito util até para diminuir a facilidade com que se fabricam tantos bachareis, pois que é impossivel ao Brasil d'aquí á poucos annos dar empregos a todos. Em ultima analyse, direi que o

administrador da justiça deve ser um homem de sciencia e reconhecida probidade, e para exercer o encargo em regra, deve ter o juizo agudo e coração neutro ou imparcial

E basta de fallar da justiça; abaixemos o panno deste theatro magico, para levantarmos em outra scena, e findemos portanto o artigo com a traducção que fez um padre estúpido, o qual, vendo no fim de um texto da Biblia as palavras — *parabulam hanc*, traduziu — paremos aqui.

Adeus, amigos, até a primeira.

Creiam que eu sou desta feita

Seu amigo sem suspeita,

O bacharel Tobias,

Que só come gias.

A PEDIDO.

— Foi concedida ao Sr. coronel Carvalho, á seu pedido, exoneração da commissão, que tinha, de organizar uma companhia de sapadores nesta provincia.

— De organizar não; o Sr. Carvalho organizou, e não uma, porem duas companhias, das quaes embarcaram cento e vinte quatro praças, ficando o resto no hospital.

— Digo o que li no *Diario*.

— Pois foi uma inexactidão, que é bom rectificar, porque as companhias foram organisadas e embarcaram publicamente.

Pede-se a certor *derretedor de metaes* do trem do mar, que por Santo Horacio entregue os 20\$ rs. do M. B., que no caixão do memo tirou, por *brin adeira*, para que não aconteça como com a moeda, que por brincadeira ficou no bolso.

Um observador do caso.

Atenção.

No domingo, 10 do corrente, comprou-se 6 libras de carne no talho n.º 15 — R. S. — e faltou meia libra; o comprador, sendo victima ja innumeradas vezes, queixou-se ao subdelegado do districto, e este mandou de novo o com-

prador com seu ordenança (este de parte) ver 6 libras e pesar n'uma venda, participando lhe da falta, faltou meia libra e meia quarta; mandou vir debaixo do vara o individuo e impoz lhe a multa de 30\$ rs., ou d'alli para a prisão; á muitos rogos conseguiu o supplicante entrar com a multa no dia 12.

Si tivessesmos fiscoes energicos, como é o subdelegado o Sr. Ignacio Marciano de Barros, eriamos menos caneros a nos cothoer os bolsos; porem como, si ha alguns que recebem presentes de bôa carne, dinheiro para o tempeiro?! . . .

Alerta, povo, com estes tractantes, façam como eu, que a cousa talvez melhore.

Um padecente.

— Lá vae um . . .

Dizia o Sr. João da America ao Gomes, quando passava certo moço.

Lá vae um!

Que quer dizer lá vae um?

Suppunha o Sr. João da America, que o moço que elle apontou é algum marido que deixa a mulher em casa para andar nas orgias pelas casas das meretrizes?

— Não.

— Suppunha que é algum esposo, que querendo solemnisar o anniversario do seu casamento, exige de cada um de seus amigos dous mil reis?

— Não.

— Suppunha que é algum procurador relaxado, algum bebado?

— Não.

— Então pode apontar e dizer — lá vae um homem honrado, porque não tem nenhum desses defeitos!

— O Sr. não me conhece?

— Não.

— Pois não me queira conhecer; livre-se de mim, que estou excommungado. Meu pae já morreu e a minha irman cazou-se. E eu tambem sou casado, casei com uma viuva muito rica; ella é a cabeça de casa . . . ella quiz assim, e eu para aproveitar-lhe os cobres annui. Não fiz bem? Hoje sou muito rico, tenho roubado muito. . . .

sou um ladrão.. nem a minha irman, que muitos annos morou comigo, poupei! . . . Ora, adeus! Pode quem pode! Mas eu sou muito ingrato. . a esta minha irman eu não devia reubar. . ella morou comigo, ella atarou-me tanto. . . fui eu quem. . . oh não lhe digo. . . isto é segredo. . . o Sr. sabe da outra. . .

— Malvado. . . infame. como é que comes a carne da tua carne! Meu Deus! isto é o inferno. . .

— Não posso mais . . . estou no meio das chammas. . . meu corj o arde. . . sou fogo. . . sou o diabo. . . Que tormento! Oh! eu sinto remorsos. . . . mas é tarde e alem de tudo, ah! alem de tanta malvadeza, tenho roubado um pobre velho, que salvou-me de ir a cadeia! Sou um ladrão; meu velho, perdoa ao desgraçado!

— Perdoar! não!

— Eu não mereço perdão, eu mereço castigo. Castiga. . castiga-me, que não fazes ainda o que mereço. . . mette-me na cadeia, arranca-me esta vida que é um pesado fardo! Ah! tempo do minha meninee! eu era pequeno, innocente. . não conhecia a maldade. . e hoje. . hoje sou um maldito! Minha chara esposa, enganei-te! apparetei virtude para pegar teus cobres, mas scu um criminoso. . . tenho offendido a Deus e as leis do paiz. . . e ainda não ando de ferros aos pés! . . Ah! que gente benigna para quem tem sido um agoz, Inferno! inferno! abre tuas portas que lá vae um maldito! . .

— Quem tem seu mau costume, nunca perde!

— Boa duvida!

Julguei que o Cabeça de Canôa lo-masse algum geito com as esfregas que tem levado; qual! cada vez se torna mais ladrão!

— Pau que nasce torto, nunca se indireita.

— Eis mais uma delle:

Tinha uma escrava, que estava ajuntando dinheiro para libertar-se do jugo ferrenho dessa hãpya.

O tratante teve noticia disso, foi a caixa da preta e emjalmou uns 400\$ rs.

que achou. E, como ella reclamasse, foi barbaramente castigada e vendida!

O larápio não se contentou com roubar a infeliz escrava, em cima maltracou-a, dando-lhe até com os saltos dos botins na cara.

— Que patife! E é o homem a quem o *Salustio* defende!

— Que quer, si ambos são da mesma grei. Todos dois amarrados a um pé de *pereira* e surrados com boas raízes de *carvalho*, não pagam o que devem.

— Infeliz preto! ainda depois de morto, sofre revezes!

Morreu repentina e duvidosamente, e ninguem se importou de saber de que: mettem-o na *patusca* embrulhado n'uma baeta e o cadaver cahe na *calçada* da rua despedaçando o craneo!

— Eu vejo naquillo uma providencia: é para que todos conheçam a deshumanidade do senhor, que nem ao menos foi capaz de mandar deita-lo n'um caixão!

— Ha senhores bem desalmados! Aproveitam-se dos serviços dos escravos, como si fossem burros de carga, e quando elles tornam se invalidos ou morrem, atiram-nos fora como a um animal!

— Ha muitos destes; ha pouco contou-me o *Agostinho*, que leu, ha dias, n'um jornal um caso igual acontecido em *Lima*.

VARIEDADE.

GENEROS INSUPOORTAVEIS DE SE TER EM CASA

Pombas mariolaas
Mulher falladeira.
Meuina teimosa.
Rapaz mal creado.
Gatão miador.
Criada daminha.
Escravo ladrão.

ACTOS TERRIVEIS DE QUE A GENTE RARA VEZ SAHE-SE BEM,

Negocio com magistrado.
Teima com militar.
Questão com inglezes.
Ajustes com cigano.

COUSAS QUE CAUSAM HORROR

Trovada de noite.
Lacada nas tripas.
Meças em naufragio.
Velhos em contradações.
Namoro de feade.

ANNUNCIOS

José Roberto, chegado ultimamente do Sul, avisa à amavel rapazeada, que acha-se de nevo no seu antigo officio de *agencias* o *commissões* para o que pode ser procurado à noite no largo da *Luxuria*, assentos 4º e 5º, lado do mar; participa egualmente, que no pouco espaço de tempo, em que aqui se acha, tem ja adquirido um grande sortimento de *fazendas finas*, cousinhas nunca vistas para a rapazeada apreciar.

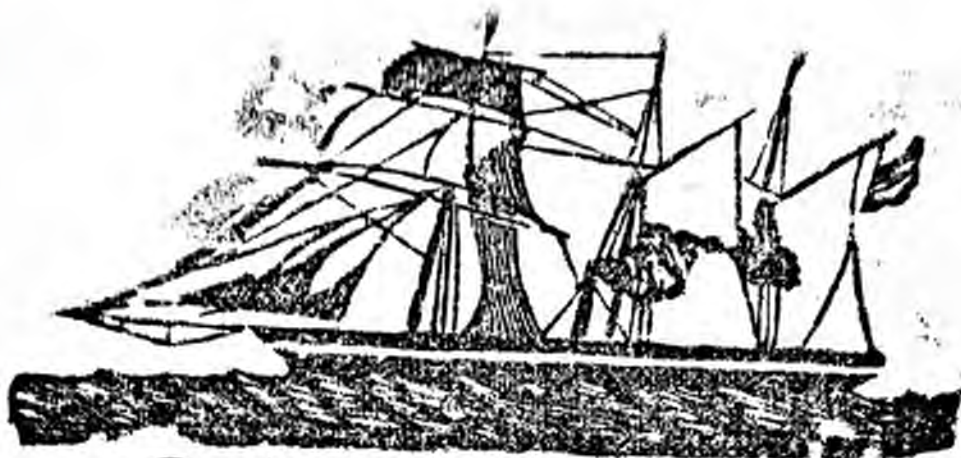
As antigas freguezas, que com elle tinha transações, das quaes elle ainda não pode descobrir as moradas, queiram mandar participar-lhe, bem como aquellas, que estiverem desgostosas com seu collega Mané Bahia.

Desappareceu ou furtaram da casa nº. 25 ao Caquende uma cahorinha branca, felpuda: quem a entregar ou der noticia della sera bem recompensado.

No Maciel de baixo nº. 14 precisa-se serventes, e paga-se bem.

Sabbado 2 do corrente, desapareceu do cemiterio do Bom Jesus, o mulatinho Aleixo, de idade 14 annos, escravo do administrador do mesmo cemiterio; no domingo foi ao quartel do Forte de S. Pedro para asentar praça, porém o Sr. coronel Carvalho conhecendo que era escravo, mandou-o embora, e desde esse dia não tornou mais a casa; levou vistido jaqueta e calça de riscado de listras de cor, chapen branco pequeno, de palha de alho; tem sido visto em diferentes ruas da cidade e ultimamente nas proximidades do Forte do S. Pedro, onde se presume que elle dorme, quem o pegar e levar ao dito cemiterio a seu Sr., sera generosamente recompensado.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CUSTOSO.

BAHIA—ANNO V.

17 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—Ns. 176 e 177

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, chamando sua attenção para os actos reprovados, que praticam alguns cortadores de carne na Baixa dos Sapateiros, depois que acabam o trabalho: estendem-se em linha a dar vaias em todos quantos passam e a commetter abusos inqualificaveis; chamam pretas e prendem-nas dentro dos talhos.

No domingo 10, dizem que um de nome Justiniano chamara uma preta de ompadas e a trancara, querendo obrigar-a á actos á que ella se não quiz prestar, e por isso foi espancada, depois de lhe haver o sujeito tapado a boca.

A pessoa que nos informa semelhante factos, garante que elle foi presenciado por todos, que transitavam por alli. Pede-se por tanto a S. S., que dê providencias no sentido de que não continuem taes escandalos

—As irmans de charidade nesta terra, querem até reformar a nossa Santa Religião!

—V. tambem é exagerado para com as santas mulheres!

—E' o que lhe digo!

Desde que me entendi achei o preceito admittido pelaegreja de que todo o fiel pode se confessar quantas vezes quizer, porem que não pode commungar sem se ter confessado.

—E nem ha padre, que admitta o contrario disso.

—Ora si ha!

As irmans de charidade, empregadas na Santo Casa, confessam-se uma vez na semana e ficam com direito salvo a receberem todos os dias em seus puros e angelicos buxos o Sagrado \int Corpo de Christo!

—E o Sr. arcebispo consente isso?

—Estou certo de que si elle não consentisse, o facto não seria praticado.

Disseram-me até que, indo um respeitavel sacerdote representar a S. Ex. contra isso, elle respondera—que deixasse—por que com semelhantes mulheres não queria alhadas.

—Agora nisso é que não acredito.

—Nem eu.

—A policia actual é a mais imbecil que tenho conhecido!

—Tem seus conformes.

—Em negligencia, não ha quem lhe leve a palma.

—Pode ser.

—Para provar, basta ver essa malta de vadios, que andam pela rua affron-

tando a moralidade e insultando o decoro das familias.

— Isso são ninharias

— Pergunte as familias que são a-trozmente injuriadas com as expressões obscenas, si são ninharias; pergunte aos cidadãos pacificos que são insultados e apupados publicamente, si são ninharias.

Em Ainda no dia 10, seis moleques e tres negrinhas, fizeram artes do capeta pelas ruas da Misericordia, ladeira da Praça, rua dos Carvoeiros, Atraz da Cadeia e Palacio; as familias ehgavam ás janelas para ver o alarido e retiravam-se cobertas de pejo á vista das palavras deshonestas que proferiam; muita gente parava na rua assombrada de tanta depravação, e somente um soldado de policia, um so, não appareceu para dispersar aquelle grupo.

Si duvida de minhas palavras informe-se dos moradores de qualquer das ruas mencionadas.

— Não é preciso: eu acredito muito no que o Sr. diz.

— Então tire a consequencias: a policia não é capaz de conter uma sucia de moleques, quanto mais haver-se em casos de alta importancia.

— Capitão, si eu não temesse ser chamado á explicações, ia contar ao Sr. Dr. chefe do policia um caso: porém, além do homem nenhum peso dar á minhas palavras, as pessoas á quem ellas se referem, terãõ tempo de prevenir-se, e depois está a gente em mãos do Sr. delegado, que, aqui para nós, não anda lá muito contente com a tripolação.

— Pois desabafe-se commigo; conte-me o que queria dizer ao Sr. Dr. chefe de policia.

— Queria contar-lhe que de casa de uma certa familia desapareceu a Imagem de um Deus Menino e foi indigitada como authora dessa falcatrua uma escrava da casa. Fosse ella ou não, o caso é, que foi mettida n'um quarto no sotão, onde está a dois mezes, acorrentada, á jejum de pão e agua, e é espancada todos os dias de manhã, para confessar o crime.

— Que familia é essa?

— So si eu fosse doudo diria, quero deqois andar apertado!

— Diga ao menos o lugar.

— Mandé V. Ex. abi por essas *solidões* e onde encontrar uma casa no meio de espessos *matos* com alguns pés de *pitombo*, é ahi.

— No dia 12 falleceu repentinamente um trabalhador da praça D. Izabel.

— Si a policia não consentisse a immensidade de casas de jogo, que ha nesta cidade, não aconteceria de vez em quando desses fracassos.

— O que foi?

— Um moço do commercio, que acaba de dar um desfalque consideravel aos amos, e desempregar-se por consequencia.

— Então jogava?

— Desabridamente.

— Quem era elle?

— Para não exarcebar-lhe o infortunio, calo seu nome.

— E perde-se assim um moço, que podia ter um futuro honroso!

— Para saciar a gana de meia duzia de tratantes, que vivem a custa deste e outros incautos!

— E' a gente que esses espertos quem nas suas maldictas *cumbucas*

Quando apparece alguém que, ou por ja ter soffrido, ou por entender da minestra, não lhes engole as *patotas*, elles chamam *sabido espiador* etc. por que querem tolos que lhes vão encher os bolsos, embora ne outro dia fiquem desempregados, por ladrões.

— Fazem muito bem, em quanto a policia lhes consentir, devem aproveitar.

— Estes boleciros não tem alma; quando andam desombestados não se importam de matar alguém.

— Ainda hontem vi um quasi matando a um desses sujeitos que tocam realejo: O homem encostou-se ao passeio e la mesmo a *ponta da lança* foi offendel-o!

— Está por que dizem que outro dia

no Campo Santo o Sr. João Ignácio de-
ra n'um á valer.

—Os membros da companhia do o-
lho-vivo acabam de realizar uma em-
preza gigantesca!

Souberam, que uma preta no Engo-
nho Velho, que tinha de retirar-se para
Africa, possuia algum dinheiro, foram
à sua casa e roubaram 1:200\$rs. A
policia teve sciencia e foi procural-os,
porém elles zombaram da policia e
pozeram-se nos *verdes*. Dizem que a
senha de alarma partiu mesmo de um
dos agentes da deligencia.

—Ora, amanha elles andarão abi-
frescamente a commetterem novos la-
trocínios; a preta é quem hade perder
os cobres.

—E não ha um meio de acabar com
isto! Os ladrões roubam afoitamente e
no outro dia insultam impunemente ao
reubado.

Desgraçado paiz, onde as leis são
impotentes para refreiar a audacia dos
ladrões!

—No entanto para outras cousas ha
tanta severidade.

—Finalmente.

—Assim dizia um deputado na in-
trodução de um discurso, em que pre-
tendia embarcar uma bisca.

— abriu-se no dia 14 a assem-
blea provincial com o elevado numero
de treze Srs. deputados!

— Pouco menos de um terço, não é
pouco.

Compareceram os Srs. Drs. Pedro
Brandão, Demetrio, Aygdano, Montei-
ro, Sodré, Carvalho Menezes, Zama,
Melgaço, Freire de Carvalho, Mariani,
Pedreira, Almeida Couto, engenheiro
de Selpuveda, padre Moraes, e Souza
Vieira.

Houve um deputado que esteve nas
galetrias.

—Fez bem, não estava para mas-
sadas.

—Creio que o motivo foi outro; is-
to é: disseram-me que na opiuião do
illustro deputado o acto era illegal.

— S. Ex. o Sr. presidente da pr-
vincia leu o seu relatório e retirou-s,

depois do que os dignissimos retira-
ram-se por falta de collegas para tra-
balharem. .

LA VAE VERSO.

Rabeca

QUE AS MOÇAS TOCAM, QUANDO CHEGAM DO
PASSEIO.

As meninas d'este tempo,
São patuscas, são gaiatas,
Assentaram lá com sigo
Não perderem funçanatas.

Em se fallando em passeio
Fica tudo alvoraçado;
Logo ha sapatos e saias,
Logo ha vestido engommado.

Mas, para a Igreja, mil vezes
Se diz que falta o vestido,
Que as saias estão na gomma,
E o sapato descosido.

Mal que se pilha na rua
Alguma mais tagarella,
Pobresinho do infeliz,
Que cahir na bocca della. . . .

Apenas se apanhan juntas
Começam a examinar
O que as outras moças levam
Com sigo, e no seu trajar.

O bello porém é vel-as
Fazerem depois sessão,
Do que viram no passeio,
No theatro, ou na funcção.

—Fulana? você não viu

—Aquella moça, que tinha

—Uma verruga na orelha,

—E estava de camisiuha?

« Vi, diz outra, e por signal,

« Que feia não parecia;

« Mas que mal feito vestido!

« Que sujo chapéu trazia!

« O moço que ella levava,

« Esse, sim! . . . de bigodinho! . . .

« Que pena de não ser meu:

« Nao era tão bonitinho?

—Gentes! . . . você sabe lá

—Si o homem era casado?

—Eu o que achei bonito

—Foi o collete encarnado!

« E aquella velha co'a filha,

« Que andava empurrando a gente,

« Só dizendo — arrenogada
 « Passa lá para *diente*. . . .
 — E que formidável queixo!..
 — Sabo com quem parecia?
 — Com o castão da bengala
 — Que o primo José trazia.

« Ca, ca, ca, ca! . . . e a menina
 « Ia se rindo de ver
 « A teima da velha! . . . Aquillo
 « 'Sta mostrando o que ha de ser!..
 « Deixe estar o primo Elias,
 « Que elle nos ha de pagar;
 « Ponde ir de braço co' as primas;
 « Não nos ponde acompanhar! . . .

— Coitado! isto não decide;
 — S'taria compromettido:
 « Si elle viesse conosco
 « Tinha-se mais divertido,
 — Quem sabe! . . . a este respeito
 — Eu penso presentemente,
 — Que mesmo quem ama a ou trem
 — Deve andar ao pé da gente.

« Pois eu não; o que de mim
 « Não gostar não venha cá;
 « Quem suspira ao pé dos outros,
 « Bem pode ir *cheirar p'ra lá*.

— Ora dexemo-nos d'isso,
 — Que nada p'ra o caso vem;
 — Essas cousas não transtornam
 — As vistas de quem quer bem!..
 « Vamos a nossa conversa:
 « — E as mulheres de mantilha,
 « Que uma fallava da neta
 « E a outra chingava a filha?
 « Dizendo que a caborrinha
 « Tres filhos tinha parido,
 « E perguntando si a outra,
 « D'isso ja tinha sabido?
 « A outra disse que não,
 « E nem saber precisava:
 « Porque com gato e cachorro
 « Enfadada sempre andava. — »

D'esta sorte, e mais ainda,
 Discutem as nossas bellas
 Tudo, porque nada escapa
 's vistas sagazes d'ellas.

E passando horas o horas
 A relatar quanto viram,
 Logo por outro passeio

A cada instante suspiram.
 E n'esta terra, porém,
 Como assim não hade ser?
 Em que hão de nossas familias
 N'uma salla se entreter?

Em geral, nas reuniões,
 Não se cuidando em dansar,
 Os moços deixam as moças,
 E vão se pôr a jogar.

São poucos os que tem geito
 P'ra n'uma sociedade,
 Fazerem côrte ás senhoras,
 Com milindre e honestidade.

Talhando estas carapuças
 A ninguem quero offender;
 Só quero dar mais um meio
 Para o leitor se entreter.

Recebam, pois, as senhoras
 Este mimo, este presente,
 De um moço meio engraçado,
 Que lhes off'rece contente.

Tem nariz um pouco cheio,
 De pernas é meio arcado,
 Cabeça sobre o comprido.
 Assim meio corcovado.

Vejam bem se lhes agrada
 Esta bella figurinha:
 Em terra, é um ratazana,
 E no mar, uma sardinha.

(Extr.)

A PEDIDO.

— A *cabeçada* ja não é privilegio da classe moleca!

Está adoptada pela fidalguia até na praça publica!

— Antes usasse do socco, que é mais civilisado, por ser de systema inglez.

— Consta que certo *baronete* querendo mostrar que na *capoeira* era *direito*, n'uma scena de pugilato, *calçou o pé*, e *mostrou a planta* ao adversario.

— E que fez o outro?

— Retribuiu-lhe com algumas *chapeladas de sol*, e foi *acoutar-se lá para o Rio Vermelho*.

— Oh! meu charo Sr. Francisco, como é você generoso! Espalha sobre os

outros as flores que lhe dava a *Maria das Neves!*

Será possível que no seu jardim haja essa immensidade de *galhas* com flores, que o Sr. julga demasiadas, e as quer repartir com os outros?

—Tenho tantos, que de longe *ja sinto* o seu aroma.

—Porém eu achava bom que as des-se a quem lh'as merecesse; e não a quem nunca se intrometteu com sua vida e nem lhe deu motivo para o Sr. repartir o que era seu.

Depois, o nome que o Sr. chamou na ladeira da Conceição a aquelle sujeito, tanto pode caber a elle como ao Sr; ambos estão na mesma condição, com a differença que elle nunca consentiu em sua casa *candomblés*.

Si o Sr. soubesse de certos factos, que se passam em sua ausencia, não fallaria dos outros.

O Sr. sabe que certas difficuldades se vencem com dinheiro e não com enredo e com insultos a terceiros.

Portanto guarde suas flores para si e deixe de espargil-as sobre quem não se lembra do Sr., nem mesmo quando exerce certos actos da vida.

—Sr *Julio*, tenho contas com o Sr.

—Deixe-me primeiro voltar de *Itaparica*, que as ajustaremos.

—E' cousa urgente.

—Por quem é. . . .

—Nada de hypocrisia. Por que anda V. propalando uma cousa, que a religião reprova e a sociedade condemna?

—Ignoro

—Quer que lhe diga?

—Não, senhor.

—Pois V. em vez de *commer calado*, anda a espalhar um negocio que lhe pode prejudicar?

Olhe, socco de inglez não é boa cousa. . . .

—Dizem que no tempo antigo appareciam milagres de fazer pasmar; eu hoje, nesta *Latronopolis*, vejo cousas, que só por milagre! Fico de boca aberta

—Viu algum animal fallar?

—Não.

—Alguma baleia nadar em secco?

—Tambem não.

—Ora, então vá pentear macacos!

—Porém vejo um verdadeiro milagre que é um empregado com 16\$ rs. mensaes de ordenado sustentar cavallo, pagar casa, ler ama etc.

—Pode ser que casasse rico.

—Não creia, por que o sujeito casou-se com a filha de um homem, que tem alguma cousa pouca, lá para uns rios; porém não lhe deu ainda nada.

Então? . . .

—E' justamente um milagre.

QUE HOMENS!...

Q' ben ens meu Deus, esses que agora vejo
Campeando de honestos, inmoraes que são!
De ti zombando com cynismo ousado,
Deixando a honra a rastejar no chão!...

Todos envoltos na tão vil materia
Almas impuras, corrompidas tanto!
A' luz da orgia d'um immundo alcouce,
Requeimam d'alma da pureza o manto!

Lá sae um crespo, que herrara além,
Lá surge um roxo d'africano porte,
Ambos o tentam um poder insano,
Porque deixaram do captivo a sorte!

Apparece outro com rosadas faces,
Ardendo todo em bacbanal furor,
Eleva o braço, tem galão no punho,
Quer ser honrado, mas não tem pudor!

Presumem ser da sociedade o brilho,
Fazem-se doutos, de saber ingente,
Julgam de tudo quanto não entendem,
Colhendo eucômios da ignara gente.

Pobres, mendazes, invejosos todos,
Calar pretendem suspirosa lyra,
Fazendo altares á vaidade estulta,
Do egoismo ardem na medonha pyra.

Só impostura e malvadez infinda
N'alma respira desses falsos entes!
Mas eu desprezo a refalsada chusma,
E busco alegre as solidões virentes.

--Sabe quem sou?

—Ignoro.

—Sou um douctor.

Tenho um passaporte por minha conta e risco, mando quem quero para o *barro vermelho*.

Mas eu não tenho culpa.....
O Sr. deve saber que a profissão dos burros é carregar carga, e a mim de-ram a do carregar livros, para matar a quem lhe aprouver. Dizem que sou me-dico, medico!... medico!... oh sou... quem o pode negar? Tenho o meu di-
ploma.

— Seu pae è que teve a culpa, des-tinando-lhe a uma vida para a qual o Sr. tem negação.

— Meu pae! meu pai! sinto remorsos! oh foi elle que me creou, que me edu-cou, que me mandou estudar... Meu Deus! sou um malvado! retribui com o mal a quem me fez tanto bem! Ah... como estás tão bella minha irman.... como te amo... e não te gozarei? oh vem aos braços de teu irmão... quero dar-te um beijo quero sentir o doce aroma dessa flor que cinges na fronte! oh como és tão doce... como nos ama-mos....

.....
Horror... maldição... elle já sabe elle ja viu... estamos perdidos... Meu pae, perdão; sou um malvado... Mas quem te mandou vir aqui! Tu viste, oh sim, tu viste tudo... Meu Deus! mas meu pae adoeceu, não o mates, elle é innocente, sou eu o unico culpa-do! Não... espera; elle está com odio de mim, elle tem muito oiro... ah! este oiro pode ser meu!

Seja embora um parricida... sim... um pouco de veneno, sou medico, e posso matar!.....

Que vejo? Um cadaver? Quem és tu? Não respondes! agora vejo... é meu pae... meu pae morreu.... quem o matou? Que horror! que vejo? um phantasma! Foge, fuge daqui, não me atormentes... fui eu,... eu só que te matei... perdão... perdoa o parrici-do!

— Has de tel-o no inferno,

— Capitão, capitão!.....

— O que é isso, camarada? Você vem tão esbaforido! O que foi que lhe aconteceu?

— Eu lhe digo; vinha muito tran-

quillo da repartição, eis que ao chegar a California. . .

— Por isso V. vinha tão cansado! trouxe muito dinheiro?

— Não me interrompa, capitão, vinha caminhando socegado, sem me impor-tar com pessoa alguma, quando se a-presenta em minha frente uma mulher, que me cobriu do improperios. Ora, eu não a conheço, e por isso, corro a im-plorar a proteção de V. Ex. para aquel-la infeliz alienada.

— Ah! ja sei quem é; essa mulher não é alienada, nem para la caminha; e mulher ou amasia de um inspector e por isso sem receio algum, offende a quem bem lhe parece, não respeitau-do as familias honestas que infeliz-mente por abi moram.

— Talvez seja essa a vibora a que me refiro; eu indaguei do *Pedro*, que mora perto do *Gomes*, que me disse ser ella amasia de um amigo do *Silva*.

— E' esse mesmo, muxingueiro?..

— Preempto, capitão

— Vá a California e previna a essa regateira que se eu tiver mais alguma queixa contra ella, eu a mandarei met-ter na cloaca do *Alabama*.

— Serão cumpridas as ordens, ca-pitão.

MOTTE

*Estava agora pensando
Quão veloz o tempo passã,
Quanto é breve uma ventura,
Quanto é longa uma desgraça.*

GLOSA.

Annalia meiga e gentil,
Deusa de meu coração,
Deu-me a beijar sua mão
Em um ensejo subtil:—
De um beijo passei a mil—
Pedi-lhe com gesto brando
Que a deixasse ir abraçando...
Respondeu-me com decencia:
Meu bem, já nessa imprudencia
Estava agora pensando.

Adverti-lhe que um peito,
Que ama com vivo ardor,
Dos attractivos de amor
Jamais so vê satisfeito.

—Mas que quereis? Tal defeito,
Que a natureza nos traça,
(Mo disse em ar do chalaça)
Nos induz a outros damnos;
Vejo bem desses enganos
Quão *veloz o tempo passa.*

Então respondeis-me assim,
Quando um favor vos imploro;
Não sabeis que vos adoro
Como um divo eberubim?

—Pois justifique-me o fim;
Tereis da vossa futura
Beijo, abraços com fartura;
Por enquanto isso não faço,
Que verieis dado o abraço
Quanto é *breve uma ventura.*

Quererieis depois de um,
Me dardes talvez um cento,
E o nosso prazer sedento
Ficando como em jejum.
Contente-se sem nehum;
Sei bem que minha negaça
O vosso zelo ameaça,
Quero antes nada arriscar
Que qual outras contemplar
Quanto é *longa uma desgraça.*

Zeferino V. Rodrigues Filho.

—Capitão, um dia a gente do olho-
vivo roubou a um tabareu na *cidade*
denodada.

—Não sei qual é.

—A que tem o rio de *Catharina*
Alves.

—Entendo.

—Um dos membros da tal compa-
nhia, sujeito de *ma cara*, metleu os co-
bres no bolso, embarcou-se no vapor,
ceixando os socios com agoa no bico.

Chegando aqui em Latronopolis, pro-
curou sua *eva* e foi com ella desfruc-
ta as delicias que lhe proporcionavam
os frescos cobres.

Como estavam separados ha tempos,
cada um tinha sua casa, porém viviam
juntos—Juntos sim, porem a parte.

Ora, a policia de lá, teve denuncia do
roubo, filou os meliantes e requisitou a
policia de ca de Latronopolis a prisão
do sujeito de *ma cara*, o qual foi im-
mediatamente seguro.

Teve porém noticia o *immediato* ao

intendente da policia do que parte do
dinheiro estava em ser em mão da san-
ta *eva*, em tal e tal logar, nesta e na-
quella especie.

O nosso immediato, que é apreciador
da fructa e apaixonado em extremo pela
cor de azeitona, achou nesse motivo
pretexto para encetar *relações amiga-
veis* com a *eva* do homem de *ma cara*,
e á noite, la foi caminho da ladeira do
Santo Seraphico, avisal-a de que sua
casa tinha de soffrer uma busca! Em
paga do que passou horas *deliciosas.*

Que tal a authority?

—E' como as outras: homem de car-
ne e osso, de seguir os impulsos do co-
ração e satisfazer os caprichos da na-
tureza.

VARIEDADE.

A vida.

João de Deos descreveu assim a vida:

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal sôa,
A vida é sopro que foge,
A vida é nuvem que vôa,
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve,
É como o fumo s'esvae;
A vida leva um momento.
Mais leve que o pensamento,
A vida leva o vento,
A vida é folha que cac,
A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave.
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares
Uma apez outra lançou,
A vida penna caída
Da aza d'ave ferida
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou.

GENEROS DIFFICEIS DE ACHAR-SE NAS MULHERES.

Belleza perfeita.
Silencio completo.
Juizo accitado.
Amor verdadeiro.

COUSAS DE QUE MAIS GOSTAM OS RA-
PAZES.

Beijos.
Apalpadellas.
Namoro.
Belliseões.

TABOADA DA BUENA-DICHA DOS SO-
NIOS.

Quem sonha com pão de-ló, está para ter herança e porção de dinheiro.

Quem sonha com flores, está para ter visitas ou hospedes de cerimonia.

Quem sonha com chifres, está para morrer e ir para o inferno.

Quem sonha com rabo de gato, está para ter dor de barriga.

Quem sonha com abobora vermelha, está para ter hydropisia ou erysipela.

Quem sonha com barril está para ter bebedeira.

Quem sonha com perú, está para ter despacho de diplomacia.

Quem sonha com estudante, está para sofrer logro.

Quem sonha com musico, está para ter indigestão

Quem sonha com freira, está para ficar destemperado.

Quem sonha com piloto, está para fazer viagem a' Costa d'Africa

Quem sonha com alcatrão, está para ter má noticia.

MALES QUE ARRASARÃO A SOCIE-
DADE.

Inveja
Intriga.
Luxo
Ambição.

PRAZER DOS FRANCEZES.*

Contar façanhas de Napoleão
Imaginar romances.
Inventar perfumes.
Dançar o can-can nos bailes mascarados.

Os suspiros de um roceiro.

Já na minha mocidade
Passei horas venturosas
Na fresca relva assentado
Por entre jasmims e rosas.
Mas hoje, oh Deos de piedade,
Trago afflicto o coração!
E neste penoso estado
Não tenho consolação.

Sigam as leis do austero fal

Na desventura em que vivo;
Dos ais sentidos que solto
Minh'alma sabe o motivo!

Largos annos são passados,
A minha flôr já murchou;
O vizo que d'antes tinha
A mão do tempo esgotou!

Era a mais bella do prado,
Era de todos querida.
Vérme da minh' alma a mordeu;
Não pode ter nova vida!

Perdendo a flôr que eu adorava,
No mundo sem companheiro,
Vós que amais, ouvi sentidos
Os suspiros de um roceiro!....

(Extr.)

REMEDIOS PARA CURAR TODOS OS
MALES DO MUNDO.

O tempo.
A experiencia.
O desengano
A morte.

ANNUNCIOS

Na Barroquinha, casa n.º 4, vende-se um preto maior de 40 annos e dous cavallos russos.

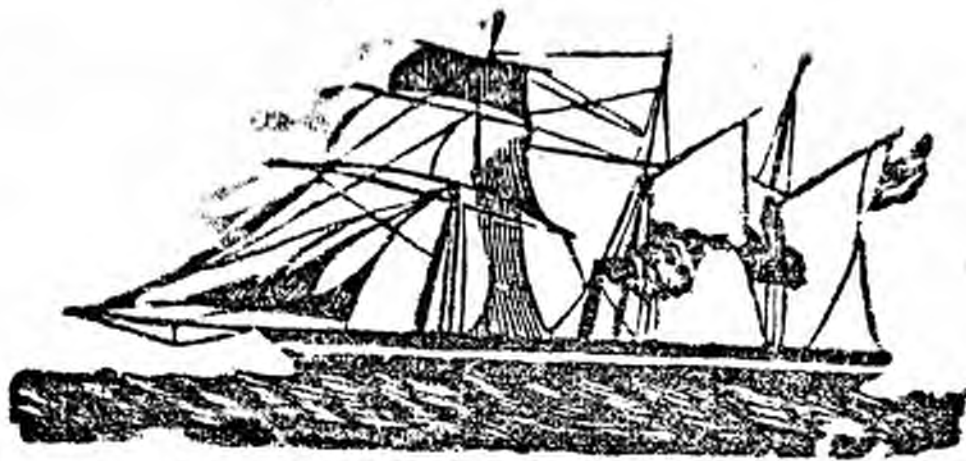
Quem perdeu uma vaca leiteira, sirigada, malhada de preto, dirija-se a roça da Matança, que achará, sendo responsavel seu dono de pagar o estrago que fez, e o alimento desde o dia 24 de fevereiro, bem como a despeza do annuncio.

Na Loja de cera á rua da Mizericordia n.º 4, vende-se cartas para enterros, penas de aço, requerimentos, lettras, rapé, graxa para sapatos, charutos etc etc etc.

PERGUNTA-SE.

Ao Sr. *Quinquim Baptista Gira-grande*, director dos festejos patrioticos, si ainda não recebeu dinheiro da direcção para pagar as despezos feitas com o palanque. Roga-se ao mesmo Sr. queira ir pagar o que tomou emprestado para pregos e ganhadares, bem como o importe de vinho e corveja.

No Maciel do baixo n.º 14 precisa-se serventes, e paga-se bem.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

20 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N.º 178

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1.^o rs. por series de 10 numeros, ou 5.^o rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do 2.^o districto da freguezia de Santo Antonio, pedindo-lhe que acabe com duas casas de jogo, que ha no seu districto, lá para a Cruz do Cosmo, por que além de serem prohibidas semelhantes casas, dão-se nas mencionadas continuados motins; e por isso espera-se que S. S. não deitará no tinteiro este diminuto pedido.

—Sou inimigo de erratás; porem os Srs. compositores deram na mania de alterar o que vao escripto, e não ha remedio, sinão dizer que foram 13 e não 13 deputa-los que assistiram a abertura da assemblea provincial.

Assim como onde diz — pouco menos de um terço — é, pouco mais de um terço.

—So?

—So.

—Então siga o carro.

—Que alarido é um, alli nas Grandes Terro?

—E' uma mulher, que brada para Deus

o mundo ouvir, que o portuguez Antonio Ribeiro Moreira com loja nesse mesmo logar, lhe deflorara uma irman menor, que ella os apanhando em flagrante na escada, elle se desvencilhára o corra, deixando as chaves de sua loja, que ella o perseguira, conseguindo agarral-o junto ao escriptorio da Companhia do Gaz, porém, que a policia imperiosamente lhe ordenára que deixasse o homem ir em paz, e depois, si quizesse, desse queixa contra elle! . .

—Que tal é a policia desta terra! . . .

—Pelo menos, parece, devia prender a ambos.

—Sem duvida.

—E agora, diz ella, que elle manda offerecer-lhe 20\$ rs, dizendo que com isto pode calar a boca, que sua irman é uma *mulatinha*, e que ha de ficar des-honrada.

—Si assim é, está no seu direito. felle tem dinheiro, a offendida é desamparada. sua mãe é uma pobre mulher que vive de lavar roupa para sustental-a, um unico irmão, que tinha, marchou como sargento no 15 de voluntarios e morreu no Sul, e por tanto fiado no seu dinheiro ficará impune, zombando da infelicidade de uma inexperiente menina, que acreditou em suas palavras enganadoras

—Mas isto não hade ficar assim; si o facto é exacto, ha leis no paiz para pu-

nir os seductores, o eu confio muito, que o Sr. Dr. chefe de policia, como pae de familia que è, so condoará das lagrimas de uma desconsolada mãe, e não tolerará que um estrangeiro, por que tem dinheiro, dinheiro que adque-riu neste paiz, talvez com pouco sacri- ficio, alardêe de haver praticado uma torpe acção como a de atirar no lodo da prostituição uma pobre menina dig- na de melhor sorte.

—V quer que lhe diga, esta socieda- de vae tão corrupta que eu ja não creio em nada, para mim ha casos em que a justiça so a gente tomando-a por suas mãos.

—Pois eu não sou desta opinião.

Não se deve perder de tolo a fé nas instituições do paiz. O Sr. Dr. chefe de policia é um magistrado honrado, e si as queixas que faz aquella mulher tiverem fundamento, eu tenho consciencia de que elle ha de se empenhar no desagravo da lei.

—Até ver não é tarde.

—Ha dous dias anda por esta cida- de uma mulher, causando compaixão e hilaridade.

—Quem é?

—E' uma douda, mulher moça e bo- nita, cuja mania dá lhe para pôr-se nua. No dia 17, amanheceu ella neste estado, abraçada ao Cruzeiro, que ha fronteiro ao convento dos franciscanos. Creio que os frades mandaram vestil-a e remetteram-na para a Santa Casa, porem foi recambiada, e ella anda por ahi a servir de divertimento e galhofa aos garotos.

—E a policia?

—A policia o que vae fazer com el- la? So si fôr emplastro. Onde vae dei- tal-a? ahi desculpo eu a policia.

—Não se esbanja tanto dinheiro em banalidades? Pois pague-se á Casa da *Santa Misericordia*, para receber essa mulher, uma vez que não ha uma casa de alienados, a fim de que não ande ella á sorvir do ludibrio dos capadocios.

Estou certo que com dinheiro não a regeitarão

—E os nosso paes da patria o que fa-

zom? Em vez de cuidarem disso tratam de futilidades. Discutem não em nome da lei, mas em nome do partido pro- gressista, a legalidade da primeira ses- são da assemblea provincial.

— Bendito seja o 4º districto eleito- ral da provincia da Bahia!

Parece cousa que os homens de lá são como carneiros que aonde vae um, vão todos!

— Ou então que cada collegio do dis- tricto estava com o *bico da penna* apa- rado para escreverem a um tempo os nomes do Srs. Saraiva, Dantas e Moura.

—Que homogeneidade! em cinco ou seis collegios, distantes alguns de ou- tros mais de vinte legoas conservam a mesma uniformidade de pensamento, e dão em todos elles unanimidade aos trez felizes candidatos, perdendo apenas o Sr. Moura um voto!

Isto é que se chama popularidade do sertão!

—E eu digo que aquillo não attesta mais do que o atrazo de semelhante lo- garejo, que em todo elle, os eleitores medindo-se por uma bitola, não en- contram tres homens capazes de se- rem deputados sinão os Srs Saraiva, Dantas e Moura.

Apontamentos a lapis.

QUINTA PAGINA.

A verdade reage contra todos os obstaculos.

Como havíamos promettido, finali- saremos hoje a parte do nosso escrip- to, que, como bem sabem os leitores, tem versado sobre a nova sciencia— *spiritica*, —traetando de um ponto que ainda demonstra á toda evidencia ser ella sem fundamento algum, e cívada dos maiores vicios e absurdos, que a *ignorancia e a superstição*, de mãos da- das, teem podido apresentar ante os olhos da humanidade.

Com effeito: não são so os carrascos que matam, não são só as guerras que dizimam a sociedade; na phrase de um grande vulto francez, tambem a *igno- rancia e a superstição* fazem horrendas hecatombes.

Não tomemos a phrasa do illustre escriptor, como sendo uma simples ideia de sua intelligencia.

Não julgemos que ella foi enunciada, quando a sua imaginação divagava pelo ambiente do espaço.

Não queiramos polluir o sancto e augusto tabernaculo da sciencia por meros preconceitos ou por pensamentos irreflectidos.

Não vamos, finalmente, de encontro ás regras e preceitos de uma boa logica para conhecermos a verdade de toda e qualquer proposição.

Razão, e de sobra, teve elle, quando com os seus proprios labios pronunciara tal assersão.

Interroguem os annaes da antiguidade, e ahí a veremos confirmada, e por demais comprovada: a historia nos attesta similhante verdade.

Roma, a cidade gigante, a rainha do universo, a mais soberba e potentosa da terra; Roma que impavida e desassombradamente dictava leis a todo mundo; finalmente Roma, a pagan, que foi para o mundo antigo, o que vemos ser hoje a christan para o moderno, somente por estar mergulhada em torpes crimes, e abysmada no immundo lamaçal da devassidão e corrupção, descamba precipitadamente de seu throno de purpura e de oiro, para não mais levantar-se, e d'est'arte ficar ennegrecida pelo pó do tempo, e sepultada nas sombrias e tenebrosas regiões do esquecimento.

Thebas, Coryntho e Argos, por muito tempo grandes e poderosas, tombam do fastigio da grandeza e do poder, e ficam dormindo um somno profundo para não mais acordarem.

Jerusalém, finalmente, a cidade santa, a cidade de Deus, por desconhecê-lo, é perseguida; e esmagada sob o enorme peso de tão fatal e tremenda perseguição, e, qual outra hydra, estorce-se em horriveis convulsões, e agonisante, nos stertores da morte, cede, talvez, que aos reclamos da sua propria consciencia.

Espectaculo bem triste é o quadro d'essa ignobil degradação na opulencia!

.....
Espectaculo deploravel e funesto é isso!

.....
É preciso, pois, que o vèu funebre e espesso d'esses dois flagellos—*ignorancia e superstição*—que ameaçam desmoronar os alicerces sociaes, seja sempre desvendado e a todo custo descortinado.

É preciso, ou antes é de toda urgencia e necessidade, que desapareçam da arena scientifica e litteraria, essas theorias chyméricas, essas doutrinas phantasticas e imaginarias, afim de que os seus effeitos não vão, ainda que insensivelmente, ganhando terreno, e desta forma destruindo ou de todo aniquilando os sãos principios de uma boa educação e de uma religião illustrada.

É preciso, finalmente, que se vão expellindo do certamem scientifico essas ideias vans e ridiculas, afim de que o merito da novidade não seja depreciado.

Mas o spiritismo o que faz? Além do occultar a verdade, de chegar a querer deslustrar-lhe o brilho e o fulgor, além de elevar a mentira, e de exaltar o vicio, fere até de mui perto as proprias ideias e factos da nossa religião.

Apenas apresentaremos o prometido por nós no principio do escripto, e por elle verão os leitores, e até julgarão com toda a imparcialidade o justiça do que seja tal sciencia.

Esse facto é o da metempschose ou da transmigração das almas.

Verdade é que os taes spiritas não admittem que a alma de um animal racional se incarne em o corpo de um irracional e vice-versa; admittem apenas a igualdade.

Mas, ainda assim, subsiste a metempschose.

Si pois tal facto é admittido e sustentado por elles; si tal facto que repugna e faz um contraste perfeito com as sciencias philosophicas, principalmente com a philosophia hodierna, é por elles adoptado, essa sciencia é por sem duvida perigosa o até funesta.

Deixemos, porém, o lado philosophico, e vamos confrontal-o agora com o que diz o Apocalypse, afim de ainda vermos o absurdo palpavel e até ridiculo em que elles cahom.

Diz o Apocalypse:—Haverá um dia final, uma hora extrema, um ultimo momento, em que, Jesus Christo, descendo dos ceus com toda a pompa e magestade, julgará os vivos e os mortos conforme as suas obras; ou por outra, os vivos apparecerão ante a sua Augusta e Suprema Face, afim de receberem submissa e respeitosa mente o premio ou o castigo de suas acções n'este mundo, e os mortos tambem revestindo-se dos seus envolveros corporeos.

Agora perguntarei eu:—Como pode conceber-se que uma alma, que tenha vivificado, permita-se-me a phrase, tres, quatro, emfim immensidade de corpos, possa animal-os agora?

Si a alma é indivisivel, pois que é espirito, como poderá dividir-se em partes?

Si, como a philosophia demonstra, a alma humana não pôde passar por dissolução de partes, por isso que as não tem, é um ser simples, unico, um ser, finalmente, racional, como, repito, se poderá conceber semelhante doutrina?

Uma de duas: ou a alma humana tem partes, isto é, se compõe de fracções, ou não.

Si sim, a alma em nós não é o que pensa, sente e quer, pois que um ser que tem todos esses predicados ou antes esses caracteres, é essencial e necessariamente simples; ou ainda si não quereis receber essa proposição, como sendo uma verdade, então a intelligencia é propriedade do cerebro, isto é, da materia, é o systema do celebre Cabanis quem predomina, e então tambem já não sois, Srs. spiritas, mais espiritalistas e sim materialistas!...

Si não: isto é, si a alma não è composta de partes, ella de modo algum pode vivificar esses corpos!!

Eis o absurdo palpavel, o erro crasso e rebelde em que cahem os taes spiritas!!

Eis, conforme a opinião delles, uma

das principaes partes da philosophia, calcada e destruida!!!

Eis; finalmente um dogma da nossa religião miseramente desprezado e vilmente depreciado por esses homens que se dizem illustrados!

E ainda ha quem creia em semelhante sciencia!!

Vergonha das vergonhas, miseria das miserias!

Querieramos analysar os caracteres d'aquelles, que entre nós, propalaram, ou antes introduziram semelhante sciencia, porem para que não se nos diga, que si combatemos tal sciencia loi, sim, pelos seus adeptos, e não pela propria sciencia, deixamos de o fazer.

Agypta.

LA VAE VERSO.

○ Eleitor.

Por ser esperto capanga
Do partido vencedor,
Me deram por quatro annos
O diploma de Eleitor:
Foi justiça; foi a paga
Dos serviços de valor.
Pois sou grande na cabala:
Das urnas viciador,
E por causa do partido
Serei tudo... até traidor!...

Que honraria...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—Senhoria!

Dizem contudo as más linguas
Tanta cousa... nem eu sei!
Affiançam «que eu não tenho
O rendimento da lei;»
«Que não professo um *dez-reis*;»
«Que nada sou, nem serei!»
Coitados! São os vencidos,
In'migos de nossa grei;
Não conhecem predicados,
Em quem lutou qual luctei!...

Que honraria...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—Senhoria

Ora! quem, fallando serio,
Dirá que não mereci
Este meu diploma honroso.
Que tão bem assenta em mim!...
Por amor de meu partido

Trabalhei tẽ que vençi;
Finalmente de meu chefe
Os mandados eu cumpri,
Assim, pois, não ha quem possa
Dizer que não mereci!

Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — senhoria.

Sou eleitor, oh! que importa!...
Ninguem pode contestar;
Tenho honras, tenho amigos,
Pois tenho votos a dar.
Quem nunca a mão apertou-me
Me a pede para apertar;
Quem de mim nunca fez caso,
Vem cortez me festejar;
Que carinhos, que protestos!...
Como é bom disto provar!

Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — Senhoria.

Si hoje encontro um dos doutores.
Candidatos á eleição,
Sem dar-me tempo á resposta,
Apertando a minha mão,
Diz-me logo: — « Caro amigo,
« Deixou boa a obrigação?
« Dê-me um abraço... mais outro!..
« Precisa de mim?... Então?
« Falle, falle, não se veixe;
« Pois dá-me satisfação! »

Que honraria!

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — senhoria.

Si o meu chapéu tirar quero,
Elle diz-me: « — Não senhor;
« Não receia constipar-se?
« Suando está! faz calor!..
« E demais cá entre amigos...
« *Sans façon*... » — Porém, doutor
Seu chapéu na mão eu vejo
Para mim venerador... »
— « Acostumei-me »; — assim falla
Como é bom ser eleitor!

Que honraria!..

Sou eleitor saibam todos;
Dão-me agora — senhoria.

Em seguida me offerece
A casa p'ra descansar;
Si eu aceito, tenho doces,
A cerveja, o bom jantar,
Agua fresca, vinho antigo,

Bons charutoss a fumar,
O seu cavallo de sella
Para a tarde passear, —
De « Capitão » o apellido
Com « Senhoria » á fartar!

Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — senhoria.

Depois grave e com mysterio
Conversando na eleição,
Mã falla em muitos serviços,
Que prestou em defensão
De nosso partido e patria,
Em tempos que ja lá vão;
Em projectos luminosos,
Que a lavoura salvarão;
E conclue dizendo humilde:
— « Dê-me um voto, capitão! » —

Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — senhoria.

Eu então tendo a barriga
De guizados a estourar,
Digo ufano: — « Dou-lhe o voto,
Com elle pode contar! »
Elle dá-me um novo abraço,
Este sim, foi de matar!
Antes que venha um terceiro
Me retiro a murmurar:
— « Bem te conheço; és um tolo,
Que mal sabes te assignar! »

Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — Senhoria.

A's duzias encontro outros.
Que vêm-me logo fazer
Cumprimentos do costume,
E a mesma historia a dizer;
Por meus peccados os ditos
São os de menos saber!
P'ra si não olham!... não sabem
O seu logar conhecer!
Corajosos quando pedem,
Quando entram a escrever!

Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora — Senhoria.

A' todos prometto votos,
A' todos!... Podéra não!...
Encorajo-os com palavras
Muita vez por mangação;
E depois... voto na chapa

*De quem deit-me posição;
Que me importa?... tambem elles
Sao monstros de ingratição:
Si veneem, não mais conhecem
Ao pobre do—capitão!...
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos
Dão-me agora—Senhoria.*

(*Extr.*)

A PEDIDO.

Quando não bastassem outros factos para attestar a rectidão e justiça com que o Sr. Leitão da Cunha vae governando esta província, o seguinte por si so era a mais significativa prova disso:

« 3.^a sessão.--Palacio do governo da Bahia 14 de março de 1867.

« Sendo-me apresentados os oito individuos, cujos nomes constam da relação inclusa, remettidos pelo juiz municipal e delegado de policia da cidade dos Lençoes, bacharel Americo Pinto Barreto, com officio do 1.^o do corrente, como voluntarios para o exercito; e verificando-se pelo auto de perguntas e respostas que fiz lavrar em minha presença, e que lhe remetto na copia inclusa, que os suppostos voluntarios nunca se apresentaram como taes, e antes foram presos na dita cidade dos Lençoes e na povoação do Andarahy, em os dias 2, 3 e 7 de fevereiro proximo passado, por ordem d'aquelle delegado e por motivos electoraes, sendo depois escoltados para essa capital, como com effeito me foram apresentados, resolvi:

« Mandar pôr em liberdade todos aquelles cidadãos, cuja prisão fôra um atentado formal contra a segurança individual com manifesta violação do disposto ao art. 108 da lei n. 387 do 19 de agosto de 1846.

« Demittir o predicto bacharel do cargo de delegado de policia d'aquelle termo.

« E, finalmente, suspendel-o das funcções de juiz municipal, afim de ser responsabilisado.

« O que tudo communico á V. S., para sua intelligencia.

« Deus guarde a V. S.—*Ambrosio Leitão da Cunha.*—Sr. Dr. chefe de policia.»

—Prosiga elle assim, fazendo justiça aos fracos e amparando-os contra a prepotencia dos fortes, que irá muito bem; e será bemquisto do povo.

—O fiscal da Victoria, deu no domingo, inesperadamente, no talho do Antonio Ezequiel, na Barra, e em tres posos de carne, achou a falta n'um de uma libra e em dous de tres quartas!

—Que pechincha de magano!.....

Si elle sempre encontrasse fiscoes da bitola do actual, seria mais moderado nas extorsões que faz ao povo.

—De que serve, porem, a actividade do fiscal, si ella vae esbarrar ante escolho superior?

—O homem foi conduzido á presença do subdelegado, e lá desabafou-se em insultos sobre o pobre fiscal, que paciente, aturou até onde a prudencia o permittiu.

—Casque-lhe o subdelegado com a muleta e deixe estar que elle sempre ha de ter algum abalo.

—Qual! a muleta sahirá da algibeira do povo, que amanha soffrerá a extorsão em mais larga escalla.

—Desta sorte, não ha meio possivel de acabar com tão inveterado cancro.

—Só si houvessem fiscoes, que todos os dias multassem os cortadores de carne.

ANNUNCIOS

Desappareceu, hontem 17 do corrente o pardinho Luiz, de idade de 10 annos, levou vestido, calça curta de algodão azul, ja usada, camisa de chita escura, chapéu de palha do paiz, pés no chão; sahiu ás 8 para 9 horas da manhan do Caes Dourado para ir ao açougue e desappareceu. Quem dello der noticia ou o levar a venda n.º 91, ao Caes Dourado, será generosamente recompensado.

No Maciel de baixo n.º 14 precisa-se do serventes, e paga-so bem.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiumã,

em Corrientes
sadeoita, sob fri-
ompetente
s do um
do?
le Cima



cebe
os bi
não é
elos pa
amente
gueiro vá
Surdo-é e
ndo os ce
rientes.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

22 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.^a—N.º 179

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, reclamando o auxilio de sua anthoridade em apoio da moralidade publica torpemente vilipendiada, por umas mulheres de vida desregrada, moradoras ao Cruzeiro de S. Francisco, sobrado n.º 15, 1.º andar.

Essas *perdidas* dão-se illimitadamente ao uso de bebedeiras, e quando estão no *pião* commettem toda sorte de desatinos, desacatando o decoro publico; teem a audacia de porem-se á noite em fraldas de camisa; as familias da vizinhança são atrozmente injuriadas com phrases grosseiras e insultuosas; e não é só dentro de casa, que ellas praticam taes desmandos e depravações; por occasião dos bailes mascarados, *pintaram a manta* na rua e fizeram mil bandalheiras; em vista do que, pedo-se a S. S. que empregue a sua conhecida energia, afim de que tão devassas metrices cheguem a um melhor comportamento; o que espera-se.

—Novo tributo de sangue tem de pagar a exaurida Bahia!

—E com ella suas irmãs!

—Doloroso sacrificio tem ella de fazer para enviar á guerra mais uma porção de seus filhos já tão disimados!

Mil homens é a penosa contribuição que se lhe exige—pague hoje; o amanha, sem duvida, lhe farão nova exigencia!

não se falla de uma vez a

essas constantes illusões? sorte creio que a prophecia do Sr. *axias* de estar em maio no senado, dá em agua de barrela!

—Desde o começo desta malfadada e desastrosa guerra que o paiz tem sido illudido, e cada vapor que chega ás provincias traz uma embaçadella para entreter o animo popular.

—E o suor do povo exgotando-se a jorros!

—E os ladrões enchendo a barriga impunemente!

—E o proprio governo gastando muitas vezes, inutilmente, o dinheiro do povo!

—Como agora:

O decreto n. 3,809 que chama 8.000 guardas nacionaes ao serviço de corpos destacados, ordena no art. 4.º que os commandantes superiores das capitães marchem com elle!...

Faz favor de me dizer que utili...

De quem deit-me posição;
Que me importa?... tambem elles
Sao monstros de ingratitude:
Si veneom, não mais conhecom
Ao pobre do — capitão!...
Que honraria!...

Sou eleitor, saibam todos
Dão-me agora — Senhoria.

— Não, ou mais
— Idados reunidos!

— a cousa correr como vae;
Qua tempestade vem a bonança;
— ser que todos esses males sejam
— e pronuncio de horisontes mais claros.

— O melhor de tudo é que o author
de todas estas calamidades amanha
terá uma cadeira no senado e será cha-
mado benemerito da patria!

— V. já foi ver a mulher que está
com o diabo no corpo em S. Miguel?

— Ora empine-se d'aqui!

Vem V. massar-me com asmeiras!
No corpo precisava ella uma boa sova
para expellir o diabo.

— E' o que lhe digo; a mulher faz
artes proprias mesmo do diabo: pula,
berra, urra, trepa-se na e' The remette,
descobre os mais recon suppostos vo,
descortina o futuro e cont'asentaram
vada de todos que lá vão. s na d
— Quem tiver suas mazellas pro vá lá,
porque o tal demonio é um tagarella
dos seiscentos, põe tudo quanto é podre
ná rua.

— Sebo para V. e a tal endemoni-
nhada!

— Vá ver primeiro para fallar.

— Só si eu fosse asno!

Diga-me, per onde entrou o spirito
maligno no corpo dessa miseranda crea-
tura?

— N'um carurú de siris que lhe deu
uma tal Maria Clementina, sua cama-
rada.

— Bem bello! camarada! e fez-lhe ta-
manho damno!

— Rivalidades. Maria Domingas,
chama-se assim a endemoninhada;
queria comer no mesmo prato com
Maria Clementina, esta zangou-se e
— tou-lhe a mão.

— Deus... mlla de policia
Leitao... e llo forte, que os frades
policia ja benzeram duas vezes a
— e elle não s'abiu.
aos is mandem ver o Granada que
prepa para isso.

— Rosna por aki um zum-zum-zum...

— A respeito?

— De um sujeito que daqui partiu
para a corte e lá tem se visto em talas
com a policia, por causa dos cobritos
do Banco.

— Então descobriu-se o ladrão?

— Creio que não. Boatos surdos, ru-
mores vagos, dizem apenas que se acha
incommunicavel lá um individuo que
fôra daqui encarregado de uma com-
missão.

— E a cousa não passa de boato.

— Estou que sim. Moivo para os ta-
garellas baterem com a lingua.

— Acha-se aberto o recrutamento,
com todo o seu cortejo de arbitrarieda-
des e violencias!

— Quem tiver sua vingança eleitoral
a tirar, é tempo, aproveite.

— Leu o *Pharol* de hoje?

— Não, porque?

— Traz um artigo onde diz que o Sr.
Dr. chefe de policia gastava os dinhei-
ros publicos, pagando a um *feliz* para
elogial-o na imprensa.

— Qual, homem! Isso são desaflei-
ções, talvez.

— O homem que o diz, é que sabe;
eu para mim acho muito arrojado nisso,
á não estar elle bem informado.

— Não é a mim que vossés enga-
nam!.....

— Com quem falla, homem de Deus?

— Com aquelles espertalhões vende-
dores de leite. Vendem a 160 rs. a me-
dida do leite que elles trazem no can-
co, mas tirado no peito da vacca, á vista
do comprador, exigem 240 rs.!

— E' porque no leite, depois que sahe
da teta da vacca, opera-se certa *transfor-
mação*, que o faz baratear.

— Otto dias são passados depois que abriu-se a assemblea provincial. Em todo esse tempo só se reuniram os dignissimos uma vez! . . .

— Não seria melhor mandal-os tomar fresco, em vez de estar-so sobrecarregando os cofres com despezas inúteis, uma vez que parto dos moços assentaram do gozear?

— O povo é quem devia mandar essa sucia de *paes da patria* plantar *aboboras*. Estou que se daria melhor.

— Eu acredito.

— Sabe me dizer quaes são os *eleitores do governo*?

— São aquelles com quem elle conta e dos quaes dispõe; são aquelles que se humilham a seu aceno; que se curvam servilmente á seu mandado: que se corrompem com suas promessas; são aquelles que vendem a consciencia por uma centena de mil réis; que barateam a dignidade e a deixam rastejar no chão do aviltamento.

— Ah! . . . já sei.. Como eu vi outro dia a *folha official* fallar em *eleitores do governo*, por isso perguntei

A PEDIDO.

— Capitão...

— O que temos?

— Tem lido os artigos do Dr. Surdo-é?

— Tenho lido tantos...

— Mas eu refiro-me aos relativos á administração.

— Pois elle occupa-se da administração?

— Como uma besta que parte o freio na boca.

— Menos isso, porque elle nada tem de besta.

— E' verdade, porem o que lhe falta para besta, sobra-lhe para bobo e pedante.

— Mas em que consiste o seu pedantismo?

— Em que consiste?!

Em ser um troca-tintas, um borra-botas e querer abocanhar um homem por tantos titulos respeitavel. Ora diga-me cá, quem tem um rabo maior que

do diabo, quem recebe cem mil réis, e os bilhões pretextos, não é para analysar actos pa homem verdadeiramente

— Oh! Muxingueiro vá em caza do Dr. Surdo-é e libalite-se pagando os cecebidos em Corrientes.

Pergunta-se ao *Curioso*, de 8 de março, si o artigo publicado narrando uma *hi* não entrega de cem mil réis á certa familia, si se refere ao Dr. Sodré.

Appareça com a responsabilidade legal, que o calumniador, que não passara de algum *faminto*, irá aos tribunaes para provar a verdade do que escrevo. Bahia 21 de março de 1867.

O *justiceiro*.



Caricatura de certa velha idiota moradora na rua dos Mouros de Santo Antonio e devota de S. Paulina.

Seus predicados:

Intrigante, falladeira, immoral, janelleira e mettida a namorar.

SINHO ANASTACIO.

De quem
Que me **Soneto.**

São mome motivo o Deus vendado
Si veneer necer do meu visinho,
Ao poba socegar um bocadinho,
mirar-se enamorado.

Sou ele
Dão-m or ventura algum recado,
hará muito cedinho;
os lhe disse um rapazinho
l *quarteirão* era adorado.

, talvez, por ser careca,
Quar, nem mugir come uma pèta,
bêm cedo, me parece, leva a breca.

D'onde se diz que é tolo de *chupeta*,
Quem a Cupido graças mil depreca,
E não sabe fazer-lhe uma careta.

EPIGRAMMA.

Uma tarde, no hospital,
Encontrei-me co'umas cujas,
Que, levantando os vestidos,
Mostraram saias *lo* sujas
Que quase fazem-me botar
P'ra fora todo o jantar
D'aquelle d?

Rapazes: das raparigas,
Adoradores fiéis,
Sabem quem este *antagental*.
A Lucrecia dos *pro* s na
Chegou agora *do* *ellas* *pro*
Está gorda e rochunchuã,
Não sabe *lingua de branco*.
Sahiu da *casinha* muda.

Da *mai-cotó* no poder,
Depois que um anno passar
E que cortar os cabellos
Poderá então fallar.

Para vel-a, quem quizer,
Em casa da Umb...
Onde foi depositada
Pela mamãe Ludovina.

VARIEDADE.

MARTYRES DO MUNDO.

O ministro, martyr dos importunos.
O deputado, martyr de pedidos.
O juiz, martyr de memoriaes.
O redactor, martyr de correspondencias.

O noticiarista, martyr da falta de noticias.
O pretendente, martyr de esperanças.
O rico, martyr de cuidados.
O pobre, martyr de necessidades.
O poderoso, martyr de ambições.
O discreto, martyr de entendimento.
O ocioso, martyr de vícios.
O sabio, martyr de invejas.
O despachado, martyr de parabens.
O escuso, martyr de desejos.
O virtuoso, martyr de escrupulos.
O nescio, martyr de presumpções.
O peccador, martyr de culpas.
O temerario, martyr de riscos.
O cobarde, martyr de tensores.
O retirado, martyr do esquecimentos.
O intromettido, martyr de despresos.
O valido, martyr de receios.
O desvalido, martyr de sentimentos.
O glutão, martyr de achaques.
O necessitado, martyr de miseria.
O casado, martyr de obrigações.
O solteiro, martyr de incommodos.
O ambicioso, martyr de sustos.
O benfeitor, martyr de ingratições.
O amante, martyr de ciumes.
O avaro, martyr de faltas.

COUSAS QUE CAUSAM GRANDE DESESPERO AO NAMORADORES

Pilhar amante em namoro, ou saber que ella se corresponde com outro.

Ter a namorada n'um baile e não ser por ella convidado.

Dar um presente de gosto, e vel-o depois em poder de um rival.

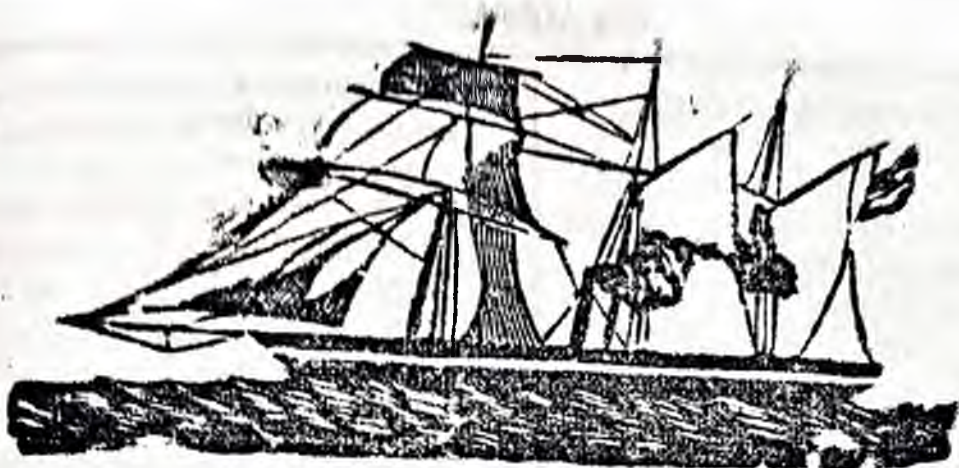
Estar brigado com ella, e vel-a muito a seu gosto rindo-se com as camaradas.

GENEROS MAIS APRECIADOS NO MUNDO.

Siencia.
Belleza.
Dinheiro.
Dependencia.

ANNUNCIOS

Desapareceu no dia 17 do corrente de casa do abaixo assignado o seu escravo Luiz, pardo, idade 9 a 10 annos, levou vestido camisa de chita escura, calça d'algodão azul, chapéu de palha, tudo usado; quem o levar a seu Sr. ao Caes Dourado n° 91, será recompensado; o mesmo protesta contra quem o tiver acoitado. Bahia 21 de março 1867 -- José Cardoso Pereira de Souza,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

23 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 18.ª—N.º 180

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant' Anna, pedindo o concurso de sua authoridade, assim de que tenha a precisa correccão um bando de raparigas estabanadas, as quaes, em companhia de tambores da guarda nacional e outros que taes, andam, á noite, pela Ladeira da Saude, Estrada Nova da porteira do do Para-ussu, quina de S. Miguel até a casa do Aceio da cidade, a commetterem actos indecentes e fazerem algazaras, incomodando os moradores daquella redondeza.

—Publicou-se a *Revista Brasileira*, periodico litterario e scientifico, redigido pelo Sr. Luiz Carlos da Silva Lisboa.

—Que livre de tropeços e embarços possa correr pela estrada do mundo litterario, em que ora se lança, é o que lhe desejamos.

LA VAE VERSO.

Martyrio eleitoral.

Já não durmo, não descanso,
Acabou-se o meu remanso...

Já com força, já de manso,
Batem á porta... ai de mim!
— Quem bate? são candidatos;
Santo Deus! que horriveis tratos...
Papagaios insensatos...
Que patram todos... assim:

« Oh, senhores
« Eleitores!

— « Perante vós me apresento
« Com servil acatamento,
« N'este apertado momento,
« Para entrar no parlamento;
« De projectos tenho um cento:
« Cada projecto um portento...
« Com tamanho regimento,
« Quero um mandato... um assento.»

« Oh, senhores
« Eleitores!

— « Eu vos peço protecção,
« Pois intento a salvação
« Desta briosa nação,
« Que adoro de coração!
« Quero directa a eleição,
« Sem a força do mandão,
« Que escravisa a votação
« Em prol do seu *lampeão!* » (*)

« Oh, senhores
« Eleitores!

— « Quero, e quero radical
« Na guarda nacional

(*) *Lampeão* — Candidato.

« Uma reforma immortal,
 « Quo a torne mais liberal;
 « Livrar-vos tambem do mal
 « Quo vos faz o lamaçal,
 « Quo mergulha a capital
 « Do nosso imperio natal! »

« Oh, senhores
 « Eleitores!

— « Do vós depende... attenção!

« O progresso do torrão;
 « Quero gratuita a instrucção
 « Gratuita... com profusão!
 « Todo o povo... n'um salão,
 « Com sua carta na mão,
 « Soletando... em cantochão...
 « Desde o *ba* até o *bão*! »

« Oh, senhores
 « Eleitores!

— « Já não se pode comer !

« Pois a carne a se vender
 « *Tão cara!*... quem pode ver
 « Sem de fastio morrer!
 « Si a votação merecer,
 « Farei o preço descer
 « Da carne, que haveis de ter
 « Quasi *gratis*; podeis crer! »—

« Oh, senhores
 « Eleitores!

— « Cinco pontes... dez estradas,
 « Vos prometto, bem calçadas,
 « Quasi todas sombreadas
 « Por muitas arv'zes plantadas,
 « As ruas illuminadas,
 « As fortalezas armadas
 « Com muitas peças raiadas,
 « Quasi por nada compradas! —

« Oh, senhores
 « Eleitores!

— « Baratinho o vosso pão...
 « O vinho por um tostão...
 « A' lavoura protecção
 « Em troco da votação;
 « Quatorze impostos por chão...
 « Descompostura ao *bretão*,
 « Que insultar nosso torrão
 « Com tremenda mangação! »—

« Oh, senhores
 « Eleitores!

— « Um voto por piedade!

« Um voto por caridade!

« Vos darei a f'licidade
 « Em paga desta bondade;
 « A vossa prosperidade
 « Buscarei com lealdade
 « E com muita actividade...
 « Incrível na minha idade! »—

« Oh, senhores
 « Eleitores! »

.....

— Chô, chô, chô, vãos palradores!

Algozes dos eleitores...

Sala!... eternos comedores

Do brasilio pão-de-ló!

Voaram! — quasi morri!

Quasi, quasi ensurdeci,

Quando todos junto a mi,

Cantavam no *C—sol—dó*:

« Oh, senhores
 « Eleitores! »

(*Extr.*)

A PEDIDO.

Sr. Redactor.— Não podemos deixar de tomar parte em nome da moralidade e da lei, á respeito de um insignificante artigo sahido no periodico *Maribondo* de 19 do corrente.

E' de extranhar e até de admirar, que diante da ordem e da honestidade, appareçam vermes, que queiram morder e despedaçar os mais viçosos ramos de um tronco, que inabalavelmente se mostra rigido e sereno.

E' absolutamente inqualificavel o nome, que se dá de tagarella, nem cabe no possivel, como testemunha ocular que sou, desta familia, que se respeita, e que pouco tempo tem para desperdiçar palavras, e atiral-as ao vento.

Confessamos ainda mais pela maneira natural, com que se porta debaixo das vistas do chefe, que honradamente cumpre no seu posto os deveres de homem de bem, prodigalizando todos os cuidados a bem do dever e do merecimento.

Confessamos ainda muito mais que nem tempo tem essa familia para despertar curiosidades, pois segue os dic-

tames que a verdade e a moralidade exigem com todo criterio.

O que é certo é, que de perto admiramos do alto da consciencia, que o individuo do artigo tem faltas pesadas e incorrigiveis: que anda de Herodes para Pilatos sem saber onde parar; que de um a outro pólo deixa rastros vivos e salientes; que se vê enfim publicamente nas folhas, sem ter animo de recolher-se aos bastidores para esconder a chronica, que peza nas costas mais que o sacco dos peccados.

Onde quer que passe, se enlamea e se enchafurda sem poder sacudir as azas e val-as no rio: enfim não ha nada pior do que ser-se *Grego* nesta terra.

Um doudo.

—Gentes, o que é aquillo
Que *Medonho* traz na mão?
Será folles de formiga?

—Não, Sr., è rabeção.

—Que rabeção!... parecia
De gallinhas, um poleiro' ...

—E' porque dependurado
Elle o guarda no fumeiro.

—Parece aquelle cangalho
Mais velho que a Sé de palha;
O rato nelle faz ninho,
A barata se agazalha.

—Assim mesmo esse frascario;
Co'a maior descaração,
Se apresenta ante o publico
Co'esse immundo rabeção.

—Este *Medonho* é peitudo!...
Em tudo quer se metter;
Até na arte de *solfa*
Elle quer se intrometter.

—Ninguem em sua funcção
Do bruto vae se lembrar:
Só si n'algum candomblé
O chamarem p'ra tocar.

Para o seboso instrumento
Causa nojo se olhar,
Só o reparar p'ra elle
Faz vontade de lançar.

O Lazaro.

—Pois V., um homem velho, com
Elhas, que já vão ficando *tias*, e com

filhos homens, namo, vando uma moça,
que podia ser sua filha!

—Estou no meu a. direito, pois sou
viuvo.

—No seu direito não, n. vacação; com
esses feitos é que V. quer e. xemplificar
sua familia? Não sabe que quem tem
telhado de vidro, não atira pedras?

—Canalha é quem gosta e se met-
ter com a vida alheia.

—Velho devasso, quem mais canalha
do que V., que anda todas as noites pela
rua *Torta dos Sanhuços*, rondando a
porta de certos chefes de familia com o
fim de perverter-lhe as fill tias?

—Capitão, isto não passa de aleives
do *Manuel*.

—Pois todos não tem ouvidos para
ouvir as suas libidinosas conversas, e
olhos para ver o seu escapuloso proce-
dimento!

Acha que são poucas as queixas, que
tem vindo á lóbro contra V.?

—Ultimamente vejo aqui um homem
morador na freguezia de *S. José*, rua
do *Alpoim* e conto-me proezas suas.

—E' meu inimigo gratuito.

—Seja ou não; o que lhe affianço é,
que, a continuar no seu desregrado
modo de vida, o muxinguênto terá a in-
declinavel necessidade de chamal-o á
ordem. Por hoje o seu castigo é ir lam-
ber as plantas do seu idolo. Vá se.

Vendo as meninas felizes
O seu commercio em aperto,
Requereram ao governo
A baixa do *Zé Roberto*.

Este, como paternal,
Mostrou-se compadecido
Pela sorte das meninas,
E accedeu ao pedido.

E sem demora seguiu
Uma ordem para o Sul,
Para que tivesse baixa
Do serviço esse talul.

Assim que essa noticia,
Transpirou cá na Bahia,
P'ra recebê-lo, preparam
As meninas, gran folia.

Andaram alvoroçadas
Os preparos á dispor,

Esperando ansiosas
A chegada do vapor.

Um dia, em que o paquete
Neste porto amanheceu,
Que chegara Zé Roberto
Logo o boato correu.

A' bordo uma comissão
A cumprimental-o foi,
Composto da Bigarrinha
E da Margarida Boi.

P'ra receberem no caes
Nomearam a Doninha,
A Victoria siri-linga,
E a Emilia Gaguinha.

P'ra servirem de creadas
A Umbelina Pau d'Agoa,
Mariquinhas do Penedo,
E Victoria furta-anagoa.

Para o acompanhamento
Maricas Coreacy,
Brazilia já se casouⁿ
E Anninha Bemlev^{re},

Marcellina e Livina
Betamio, assim chamada,
Brigida e Brazilia,
E a Palmira Potnada.

Para apromptar o jantar
Incumbem a Theodora,
Que tem cabelo de milho,
E mais a canaria Flora.

Cereja da Mariquinhas
Cujo nome é assim,
O vinho toca á Gandinha
Da venda do Seraphim.

A' Lulú mata-cachorro
Coube a garôpa dar,
A Mariquinhas Gostosa
O caruru apromptar.

Na praça duas girandolas
De foguetes, collocadas
Estavam; pela Paquita
Foram para alli mandadas.

O pagode foi em casa
Da Mariquinha dos burros,
Acabando em carraspana
Com gritos, vivas e urros

—V. é uma creatura má, Sr. Gliola!
Para que anda a fallar de seus com-
panheiros?

—E' meu genio; não fallo somente
delles, atassalho a Deus e o mundo.

—E achu que é bom isso? Fallar da-
quelles que vivem na melhor boa fé com
V., e que lhe dão uma consideração
que V. não merece?

—Bom ou não, é meu genio.

—Ora diga-me, como é que sendo
V. pardavasco, tem nome de italiano?

—Foi o nome de meu senhor.

—Ah!... E o que vae fazer á noite
em caza do Monteiro?

A Constantina tem amargas queixas
de V.

—Ora, o quevou fazer!... Vou vi-
sital-o.

—Mas aquella amisade é perigosa,
dizem que o homem é atacado de vam-
pirismo, e pode uma noite *chupal-o*.

—Não creia, isto de vampirismo é
historia da carochinha.

—O Evaristo que o diga.

—Isso já se passou, foi no tempo de
rapaz, hoje é meu compadre.

—Deixemos isso de parte; o meu
proposito é dizer-lhe que refreie a sua
mordaz e ferina lingua e não trate do
nome de seus collegas, audando a in-
trigar-os.

—Disso não ha quem me tire.

—Pois a laca do muxingueiro tambem
tem que trabalhar no seu costado, Sr.
Julio.

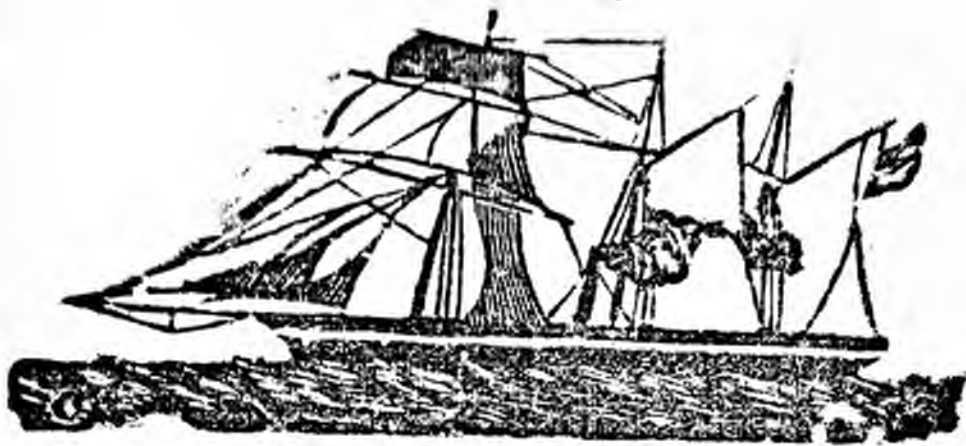
ANNUNCIOS

Nesta typographia precisa-se de um
postilhão para as freguezias de S. Pedro
e Victoria.

Desapareceu no dia 17 do corrente de
casa do abaixo assignado o seu escravo
Luiz, pardo, idade 9 a 10 annos, levou
vestido camisa de chita escura, calça
d'algodão azul, chapéu de palha, tudo
usado; quem o levar a seu Sr. ao Caes
Dourado n° 91, será recompensado; o
mesmo protesta contra quem o tiver a-
coitado. Bahia 21 de março 1867—José
Cardoso Pereira de Souza.

No Mael de baixo n°. 14 precisa-
se do serventes, e paga-se bem.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIUSTOSO.

BAHIA—ANNO V. 28 DE MARÇO DE 1867. SERIE 19.^a—Ns. 181 e 182

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1867.

Officio a Illma. camara municipal. —Não é a primeira vez que se chama a atenção da Illma. para o decadente e porco estado da fonte de S. Pedro, sem que nenhuma consideração tenha semelhante reclamação merecido da Illma.; e como a mencionada fonte, tão necessaria aos moradores daquelle lado da cidade, continúa em deploravel estado, que cada dia se augmenta, pelo deleixo e abandono em que está, ainda uma vez recorre-se á Illma., pedindo-lhe que lenco suas vistas para a referida fonte, e mande proceder aos melhoramentos de que necessita.

—Ao juiz e mezarios da irmandade de Nossa Senhora do Terço, dizendo-lhes que nesta data se ordena ao *Sessenta e Cinco* para que forneça quantas varas de cambrinha forem precisas para capas da mesma irmandade, afim de que não deitem mais sobre os hombros os trapos com que se apresentaram na procissão do S. José.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá á rua do Bispo, casa n.º 12 —A, ao pé do procurador Carnauba,

e mande desobstruir o pateo da referida casa do lamaçal e immundice que nelle ha, á custa dos moradores da mesma, intimando-os para que não continuem a fazer despejo alli, por ser isso prejudicial á saude publica. Cumpra.

—No dia 24 do corrente reuniu-se no paço municipal o collegio eleitoral para votar em quem hade substituir o finado barão de Uruguayana no senado

O Sr. José Antonio Saraiva, em homenagem aos serviços prestados a seu paiz, aos beneficios que tem feito aos brasileiros, principalmente na actualidade, obteve do corpo eleitoral do 1.^o districto, do districto da capital, 90 votos!

Noventa bahianos da illustrada capital da Bahia, esqueceram se de que muitos dos que lhe confiaram o honroso mandato da escolha dos representantes da nação, la jazem sepultados nos pantanos do Paraguay, e que suas familias luctam com os horrores da miseria e mergulham-se no lamaçal da prostituição.

—Nada disso vem ao caso de que se t aca. Vamos ao que serve; quem mais foi votado?

— Os Srs.:

Cons. Ernesto Ferreira Fraúça	130
Dez. Luiz Antonio	124
Dr. Alvaro Tiberio	90
Dez. Leitão da Cunha	47
B. Canto Brum	42
Dez. Silva Gomes	42
Coronel A. Souza Spinola	25
Dr. Fernandes da Cunha	19
Dez. Innocencio Marques	11

— Deixe chegar o 4º districto que fará as contas.

— Eu o que lhe digo é, que em outro paiz onde os homens são julgados por seus actos, e não por conveniencias e interesses particulares, o resultado da eleição seria outro; ao menos na capital.

— Na forma do costume, houve no dia 25 de março, anniversario do juramento da Constituição, o usual cortejo no palacio do governo.

A militança de todas as classes assistiu ao acto, diversas corporações religiosas, parte da gente official, quero dizer, gente que ganha dinheiro da nação, etc., etc.

— Menos a assembleia provincial que fez sinalepha, apesar de estar installada.

Seu presidente declarou que não tinha gente para mandar ao cortejo.

— E' porque não ha para elles um regulamento, como ha para o soldado quando falta.

— A respeito de tropa, houve uma guarda de honra.

As janellas de palacio estiveram ornadas com as suas immemoriaes e classicas colchas.

— Houve illuminação de vellas de carnauba de 12 em libra, em elegantes lanternas de leilão em palacio fazendo contraste com a illuminação a gaz dos paços da camara e assembleia provincial.

— E o venerando tribunal?

Esteve trancado e ás escuras, envergonhado, dizem, por uma decepção porque passou,

— O que seria?

— Vou contar-lhe o que me disseram, sem garantir a veracidade.

— Pois diga lá.

— Disseram-me que indo o porteiro ao lugar em que depositava as colchas para sacudil-as e pol-as a geito, ficou de bocca aberta não as encontrando ali, depois de muitas pesquisas e indagações, saube que tinham ido para a Estrada Nova ao deposito do lixo, porque um varredor indo varrer a casa, por engano ou malignidade, as apanhara.

— Ora eu logo vi que o negocio não acabava, sem V metter uma das suas estrovengas.

— Foi o que me disse um fallador; mas eu não acreditei em tal pomada.

— E ha alguem que acredite nisso?

— Gastou-se alguns mil reis com as salvas do estylo.

— Pois os franciscanos, que professam a humildade, tambem crêam distincção de classe?

— Quem lhe disse isso?

— Eu que vi. Nos dias em que ha solemnidades no convento, trancam as grades para não entrar todo mundo.

— Eu não deixo de lhes achar razão; é por que os capadocios e moleques se incarapitam la e vão fazer das suas.

— Enganou-se; porque eu vi se abrir a *certas e determinadas* pessoas, ao passo que se negou a outros que não estão no caso de capadocios nem de moleques.

— Pois vá ao Fr. Solidade, que eu lhe affianço que elle lhe explica a razão de ser de tal providencia.

— As vezes dá-me vontade de tagarellar na vida do proximo.

— Quem não tem o que fazer, procura.

— Vejo os Srs. padres preconisarem tanto a confissão, pregaram-na, e ainda não tive o prazer de entrar n'uma egreja e achar um padre nos pés de outro!

— E' o que tem com isso? Confesse-se V., quo tem cumprido com sua obrigação.

— E que si a coisa é boa, elles deviam ser os primeiros a praticarem-na.

Correspondencia encyclopedica
do «Alabama.»

CORTE 12 DE MARÇO.

Ha muito lhe não escrevo,
Me dirá vossê agora,
Motivo, è porque estive
Não na corte, mas por fora.

E na verdade, faz tempo.
Que novas lhe não remetto;
E como, s'estive *invernado*
No maldicto—Rio-Preto?—

Mas, agora que pretendo
No Rio—de cá—ficar,
As novidades que saiba,
Promptas lh'as hei de euviar.

Pois é—Carissimo o amantetico ca-
pitão: Quando um homem crê que bem
está, chega o desengraçado—caiporis-
mo—e... zás, prende-o para... ca-
chorro.

Mas,.... o que lhe queria dizer?...?
Nem mais sei.... Não faz mal. Feliz-
mente não faltam cousas que se digam.

Ha muitas, atè *cabelludas*,
Capazes de admirar,
Que muita gente *pratica*
Sem disso s'envergonhar.

Tractarei pois do... estado sanitario
da corte do Rio de Janeiro. Oh! é
grande, é magnifico, estupendo, im-
portante, admiravel e até... cubiçoso.

Ouçã: em quanto os—sede sapientia
—digo os—doutores—questionam
—ex officio—, porque ninguem os in-
cumbiu, si existe ou não aqui o—cho-
lera—as victimas vão cahindo ás duzias,
diariamente, e... o governo, oh! o
governo—*Beatus venter qui te porta-
vit—traducção livre, abençoada a mãe
que o pariu;* o governo digo: occupado
em ver o modo de segurar-se; tratando
unicamente de sua conservação; cuida
só das eleições e espera que a *sciencia*
dicida, si ha ou não cholera, no Rio
de Janeiro!!!

De modo quo, resulta o seguinte:

No Paraguay Lopez matt?,
O cholera cá vae mattando;
E o governo—progressista
Em eleições caballando.

Seja porem, como fór, o que é fora
de duvida, é que elle ainda acha quem

o acompanhe e por elle se sacrifique;
porem,

Não eu que em tal gente creia;
N'esse grupo de farceistas,
Expertos, que p'ra seus arranjos,
Se *chrismaram*—progressistas.

Ora... puf e puf.

O que é incontestavel é que: em
quanto se decide si o cholera effecti-
vamente está ou não fazendo estragos;
para o que basta ler o obituario nos
jornaes, nenhuma providencia dá o fa-
migerado governo.

Pobre Brasil, pobre Patria,
Bem digno de melhor sorte,
Entregue á taes cabecilhas,
Vai em grocura da morte!

Lá baixou á campa o Visconde do
Camamú.

O Dr. Pertence e outros, classifi-
caram a origem—cholera—mas, como
ha quem entenda, que um *tenente-ge-
neral*, *conselheiro* e *visconde*, não
morre de tal doença, por não ser *decente*
e nem *conveniente* á pragmatica—clas-
sificaram: inveterados achaques—des-
coberta, que corre somente por conta,
até hoje, do *Jornal do Commercio*.

Inveterados achaques! Cahiu ao
apear-se do carro, em completa algidez
e não durou trez dias.

A terra lhe seja leve.

Onde porem mais estragos o maldito
tem feito é no Hospicio de Pedro 2.º

E' entre os já privados da razão que
ella tem feito maior numero de victimas.
E' tanto mais notavel o capricho da
peste, quando se vê, que nenhum dos
empregados da caza ainda foi atacado,
quando dos infelizes loucos sepultam-
se aos 6 e 8 diariamente, e que nem
dos moradores da circumvisinhança e
nem da escola de applicação ninguem
ainda foi ferido.

E o governo....trabalha
Em fabricar deputados;
E os pobres pela peste
Que vão sendo disimados.

Deixemos porem a peste entregue á
si mesma e vamos ver o que ha á res-
peito do Paraguay

O marquez de Caxias, vae me pare.

condo que não será mais feliz do que o *Mitre* em seus vaticínios.

As *Cassandras* vão naufragando, ou em termo *abmolado* — vão fazendo *fiasco*. O *Mitre* vaticinou — om 3 mezes na Assumpção, e deixou o exercito apoz dous annos — a menos de 3 leguas do Passo da Patria, o outro agora diz, que em maio está no senado. *Credite pisones?* Quanto á mim vejo pouco geito. Deus porem permitta que meu vaticinio se não verifique tambem.

Entretanto:

So se vê sahir vapores
Com petrecho e soldados,
De la só nos vem em troca
Historias, e mutilados.

Resignemos-nos porem, e deixemos a natureza obrar. Que fazer? A desgraça quer que o Brazil seja isso mesmo. Cumpra-se o destino,

Cá se fizeram os deputados. Na cõrte sahiram trez liberaes-historicos. Quero dizer, o primeiro foi o autor da *Carteira do Tio*; o segundo o Bezerra, medico e camarista, o terceiro o Dr. Dias da Cruz; *is, ea, id.*

Não tarda vel-os canonisados — martyres — da liberdade. O ultimo por exemplo: simples medico, fez-se vereador e já vai ficando com direito a jubilação; é tambem juiz de paz, cousa que na cõrte e na freguezia do Sacramento, deixa mais de 1:000\$ por anno. Encartou-se em *cathedratico* da escola de medicina, e agora é deputado; não lhe parece que pode já entrar no *martyrologio*, como Chichorro, Ottonis, M. de Britto, etc., etc.? O meu fim porem era dizer-lhe que aqui o governo levou *bisnaga* (é termo progressista) na eleição; sendo a derrota mais sensivel a do Dr. Bulhão, *conservador* e director da secretaria da *agricultura*. O diabo que entenda tal politica!!!

Aqui protegem *vermelhos*,
Ali, veuham — *liberaes*,
D'li querem — *progressistas*:
Quem comprehende homeus taes?
E taes lorpas entram pobres,
Saibem cheios de dinheiro;
E p'ra vergonha ou memoria
Si *chrisman* de — *conselheiro*

Pobre Brazil, cumpre teu fado. Não osmoreças. Quem sabe o que tu ainda serás? Que papel representarás, um dia, entre as nações?

« Depois do mau tempo,
Sempre se segue a bonança »

Já foi preso e está sendo processado, o temerario, que pretendeu empalmar ou revistar o cofre d'alfandega. Temerario digo, porque pretender, ás 3 horas, arrombar as portas interiores, depois de deixar-se dentro ficar da repartição, com toda ferramenta precisa, outro nome não pode dar-se.

Entretanto, sabe a quem devemos agradecer esse e os demais factos da mesma natureza, que se tem dado; e os assassinatos praticados aqui, de dias nas ruas? E' ao nosso solícito e paternal governo

Ah! que gana tinha em
De em todos elles pegar,
E inferrnados ao rei
Do Japão presentear?

Pois, carissimo capitão, lembraram-se de mandar buscar, á titulo de colonos, quanto parasita, vagabundo e ratoneiro havia na republica — *modelo*; para augmentar o numero dos que já tínhamos; quando a policia já é impotente!

Lembrar-se o governo de mandar buscar americanos, sem arte, sem officio, sem recursos; verdadeiros aventureiros, solteiros, sem nenhuma garantia, só para ter o gosto do fallar em colonisação?

O resultado é que, armados de revolvers e punhaes, transitam impunes e livres pelas ruas, usando de taes armas *para terem segurança!* Entretanto, a policia consentindo-os assim, dá motivo ás scenas que tem havido, a ponto de, ha poucos dias, um destes pretendendo roubar 4:000\$ que um outro trazia, travaram uma lucta na qual foi victima de um tiro, que lho roubou a vida, um empregado da assemblea, que passava casualmente, ao passo que até hoje a policia ainda não descobriu o assassino!!!

Fortuna e vida nos rouba

A tal colonisação,
Soffra o povo que è p'ra bem,
Para augmento da Nação.

O vapor *Donati*, cá nos trouxe a noticia da grossa *bisnaga* que o progresso tomou ahí, na eleição.

Almeida *setenta e oito!*
Vinte quatro o Gonsalão!!!
Qual... assim tambem foi muito,
Pobre Almeida e Macacão

Porem, não faz mal, continue a provincia a esfregar assim toda essa sucia de desertores e apologistas de todos os governos.

Lá foi uma gran-cruz para o nobre commandante superior. Deus permitta que elle pague logo os direitos para não acontecer o que cá andam dizendo, pois até estão tirando certidões de o não haver feito. Ao menos com o titulo de barão ha quem assevere que já viu a certidão de que não pagou. Sirva-lhe isso de aviso.

Na verdade è muito bom
Ser coronel, titular,
Ter commendas e brasões;
Sem os direitos pagar.

Talvez que quando esta receber já esteja na outra vida o grande visconde de Sapucahy. O Brazil, que tem gasto tanta cera com tanto defuncto ruim, deve chorar de veras a morte de tão distincto varão.

Do mesmo modo se acha o marquez de Itanhahem: Morre de... *senectus est morbus*—90 janceiros.

Não direi no mesmo estado o conselheiro Octaviano para não fazer alarma, mas affirmo-lhe que está sincera e gravemente doente; pelo menos não toma assento, porque vai já para Europa.

O barão de Carapebús foi-se com passagem para o outro mundo, bem como o ministro do supremo tribunal—Pantoja.

Aos mortos dê Deus o ceu,
Aos vivos lhes dê saude

Ainda não tiveram baixa os dous eleitores que o Alencastre—sem mais nada, nas Alagoas, recrutou no dia 3 de fevereiro quando iam votar para mesa.

Viva o voto livre!
Viva a liberdade!
Viva tambem o progresso,
Que è nossa felicidade

Está no dique o encouraçado *Brazil* e na porta a *Belmonte* e o *Amazonas*. Vieram concertar os estragos. Ao menos o primeiro attesta com o costado, que as ballas paraguayas não são de sebo.

Vai cabir ao mar a curveta a vapor *Cuanabara*, que agora me dizem se chrisinou—*Vital d'Oliveira*—em honra desse denodado patricio.

O *dique* está tambem adoentado, por motivo da explosão que fez a caldeira.

Carissimo capitão. Esta já vai parocendo massada e portanto concluirei,

Pedindo-lhe me recomende
A Mané brutto, ou cavallo,
Bem como ao cabra Miguel
Cabeça de peixe-gallo.

O Chaves ainda continua
D'Antonia feito capão,
Ella vive na janella
E elle meche o feijão.

Maricas-Japiassú
Ja brigou com o bolceiro
E para fazer-lhe figa,
Metten-se com um colchoeiro

A Maria que era moça,
Do filho do Maribondo,
Ja não se lembra mais delle,
Ja tem ca o seu cabon'ô.

Com Mariquinha dos Anjos,
Na rua da Conceição
Morava, mas ja mudou-se
Por causa de um tal João.

Foi p'ra rua de S. Pedro
Morar com um seu patricio,
Mas de la sahju tambem
Por causa de seu feitiço.

O certo è que ja houve
Briga pelo tal João,
E que Maria levou
Da Carlota bofetão

Agora quero fazer-lhe,
Um pedido com razão,
Que é ter todo sentido
Na sua composição

Não se faça de banana,
Ponha-se tezo e bem forte,
Bem como não admitto
Que nesta me vá dar cõrte

Quando escrever, dê notícias
Do negocio do barrismo;
Quero dizer não se esqueça
Da gente do *spiritismo*.

— O *Patusco*.

REVISTA SOCIAL.

Grande escassez de novidades e muita fartura de mulhorez usadas.

Abundancia de raparigas casadeiras e falta de rapazes dispostos a aceitar os taes fardos, porque mulher não é mais que um fardo, principalmente se não tem em quantidade sufficiente a

«Sacratissimo gitirana,

«Que faz girar a machina mundana.»

Muita falta de pós de arroz nas lojas, e muita fartura d'este na cara das moças.

Muita velha de quarenta annos, que quer que a gente acredite que só tem vinte. (Precisam de juizo.)

Muito namoro.

(Eu cá, não namoro; porque quem namora perde seu tempo, e — *the time is money* como diz o inglez.)

Alguns sujeitos, que não teem outro emprego mas que o de *encherem as ruas de pernas*, sustentarem grande familia, luxarem et cetera. (Não sei como elles o fazem: mas parece-mo que são *milagrosos*)

Muito *caloteiro* que até o presente não pagou a assignatura do *Alabama*. (O Prates, o Romão e o Maximino hão de se haver com elles e não lhes deixarão as traseiras em quanto não paguem.)

As creoulas substituiram as trunfas de duas varas por macios lenços de tafetá e veludo.

Entre elles merece especial menção o torço de veludo verde bordado a fios de ouro, com que se apresentou a Henriqueta Olho de vidro na sexta feira de Passos.

A PERDIDO.

Rio de Janeiro.

Ao muito alto e poderoso = Estampa Bonita, = o cigano D. P. F. da rua — S — no numero 72.

Deseja-se saber qual o motivo por

quo S. S. ainda não poudo fechar todos os estabelecimentos navaes (na sua phrase) para por esse meio poder recuperar seus gastos loucos e esbanjamentos que fez la para Portugal.

Esse *espertalhão* é insigne professor da arte de enganar os mais.

Ja é bem conhecido esse tratante na praça de Latronopolis, e não sei si na da *Bahia* tambem

Infelizes donos de navios, que cahirem nas unhas de semelhante harpya!

Acabamos de saber que o seu socio ja em novembro do anno que passou dizia a alguns amigos que em janeiro tomava a direcção da casa e que ficava como chefe della o cigano.

Isto veiu ao nosso conhecimento por intermedio de um honrado negociante da praça.

A *Alma do Lima e do Mané Monteiro*.

— Então, meu heroe, como é isso? V. quer ganhar dinheiro nas costas dos outros?

Tomou fiado as tintas para pintar o barracão, onde os musicos iam tocar na festa do Senhor, que não dá *mau fim* a quem o venera, recebeu os cobres e deixou a quem lhe fiou com agua no bico.

Isso não é de um homem, que de mais a mais é inspector.

— Ora, a gente é obrigada a fazer tantas despezas, certos gastos *inesperados*, que não ha remedio sinão passar por caloteiro, ou ficar com cara de *lacaio*.

— E quem lhe obriga a gastar mais do que ganha? Isto é ser perdulario, e estragador, principalmente o Sr. homem casado, que só deve gastar o necessario com sua familia.

— Lá isso de familia, é o menos; que se arranjam.....

— Assim diz quem não tem pudor.

— Mas queria então, que eu ficasse mal com a minha *pecora*? Ella disse-mo que queria ir ao Bomfim n'um carro, e eu não tive remedio sinão fazer-lhe a vontade. Chegamos lá e ella quiz comer no hotel. O maldicto do homem apresentou uma conta *salgadissima*,

ta to que fiquei devendo-lho *desoito* paus.

— Razão, porque elle chamou-o ao subdelegado.

— E' verdade.

— Porém V. não repara que um homem, casado com poucos ganhos não pode fazer extravagancias destas?

— Que remedio? não se ha de fazer figura triste.

— O Sr. é um heroe em taes proezas! *Nelson* não o ganha.

— Peior faz o *Rodrigues*.

— Porém tambem soffre daquellas, que lhe faz o *Monteiro*.

— Deixe lá, o mundo bem comprehendido, é assim, passar vida folgada o milagrosa.

— Para quem é descarado não ha nada melhor.



Smola-para o spiritismo.

— Meu amigo, deixe este namoro do meio da rua!

Entre; que ninguem quer ver esta porcaria!

— Mais, que se importa V. com quem tem seu namoro?

— Não me importa; mais não quero ver escandalos. E de mais, eu não vejo difficuldade naquelle... . . . entrar.

— Ora esta é boa! Não é difficil; mais eu quero mesmo que se saiba que namoro.

— É' balda de certos tolos quererem por força que todos vejam-lhe a *cornija* e o que mais é, que a achem bonita.

— Sr. João Baptista *Gira-grande* o Sr. é um homem impedernido!

Então não faz tenção do pagar o dinheiro, que lhe deram os directores dos festejos patrioticos para entregari?

E a cerveja que o Sr. be-beu prodigamente, não paga?

Olhe, temos uma collecção de suas gentilezas, para publicar.

VARIEDADES.

OPINIÃO DE QUATRO VIUVAS SOBRE O CASAMENTO

Primeira. — Fui feliz no estado de casada, e como posso ainda ser, casar-me-hei.

Segunda. — Fui muito desgraçada no primeiro estado, e como tenho probabilidade de ser feliz no segundo, casar-me-hei.

Tercera. — Fui feliz no primeiro estado, e como receio ser desgraçada no segundo, conservar-me-hei viuva.

Quarta. — A desgraça foi minha compa-

nheira durante o meu primeiro estado, e como só por artes do diabo, serei infeliz no segundo, casar-me-hei.

Qual das quatro teria razão?

Quero casar-me, papae,
Embora seja creança,
Tenho fé e esperança,
Que serei bom companheiro:
E' verdade que sou pobre,
Mas cazarei c'uma moça,
que saiba que traz a bolça
Carregada de dinheiro!!!

Eu lhe digo os pormenores:
Quero uma moça que tenha,
Mil mattas p'ra tirar lenha,
Mil negros p'ra carregar,
Mil fazendas, mil engenhos,
Mil crioulas bonitinhas,
Mil barcos e mil barquiõhas
Promptinhas à navegar. . .

Que tenha quarenta bestas,
Seis jumentos, dez cavallos,
Bons campeiros p'ra amangal-os,
Dez eguas de boa raça;
Que tenha uma grande loja;
De seccos um armazem;
De molhados dois tambem,
Que tenha boa cachaça...

Que tenha bonitas chacaras;
Quinze hortas de tempêro,
Onde apure bom dinheiro,
Somente p'ra a sustentar...
Que tenha dazentos bois.
Que tenha vinte cereãdos,
Mil e duzentos sobrados.
Para do alto espiar.

Hade viver sem a moda:
Hade ter vestidos sete.
Não a quero de topete,
Nem tão pouco de boão;
Hade arrastar só tawancos;
Não se hade mostrar bella
Quando chegar na janella,
Hade ser com condicção:
Si vel-a para alguem rir,
Como quem a amor se rende,
Como quem logo pretende,
Gozar outro namorado;
De dar-lhe dois ponta-pés,
De arrumar-lhe um . . .
De cortar-a de chicote,
A yista do seu amado.

Hade ter trinta bahús
Dez marquezas, vinte camas,
Setenta e duas mucamas
Que tratem desta riqueza:
Hade ter duas mil cadeiras,
Trezentos aparadores,
Doze pagens limpadores,
Que tenham delicadeza.

Hade ter muitos consolos,
Dez cadeiras de balanço,
Somente para o descauso
De meu corpinho e do della;
Hade ter vinte cosinhas,
Comer-se-ha tanto ao quanto,
E na casa em todo o canto,
Hade haver uma pauella.

Papai eu quero casar-me,
A moça hade ser formosa,
Bonita como uma roza..
Hade ter bom coração;
Hade ser moça que ás festas,
Se mostre pouco querida,
Que viva sempre escondida,
Tratando d'obrigação.

E quero breve casar-me;
Me arranje papae, bem cedo,
Eu quero tudo em segredo,
Me arranje a moça papai!
Eu bem sei que sou criança,
Mas quero me ver casado,
Em quanto não sou chamado,
A' guerra do Paraguay.

COUSAS FACEIS E DIFFICILS.

A cousa mais facil que ha, è encontrar-se um inimigo.

A cousa mais difficil que ha, è encontrar um verdadeiro amigo.

A cousa mais facil que ha, è dar um beijo em moça bonita.

A cousa mais difficil è conseguil-o.

A cousa mais facil que ha, è nadar.

A cousa mais difficil è aprender.

A cousa mais facil que ha, è fallar em politica.

A cousa mais difficil è entendel-a.

A cousa mais facil que ha, è dormir.

A cousa mais difficil è trabalhar.

(Ext.)

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 de fevereiro a sua escrava Celina africana de edade de 30 annos, pouco mais ou menos, ganhadeira, acha-se prenhe, desdentada, com os dedos grandes dos pés tortos, ceio piqueno: quem a levar ao Pilar n.º 92 será recompensado.—
Ignéz Lucia Dias Monteiro.

Desapareceu no dia 17 do corrente de casa do abaixo assignado o seu escravo Luiz, pardo, edade 9 a 10 annos: levou vestido camisa de chita escura, calça d'algodão azul, chapéu de palha, tudo usado; quem o levar a seu Sr. ao C es Dourado n.º 91, será recompensado; o mesmo protesta contra quem o tiver acoitado. Bahia 21 de março 1867 — José Cardoso Pereira de Souza.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

30 DE MARÇO DE 1867.

SERIE 19.^a—Ns. 185

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie e 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de março de 1867.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que, acompanhado do muxingueiro, vá a noite ao Canto de João de Freitas, e ponha-se de espreita a ver quem são os individuos, que reduzem as bocas de lobo, que alli ha, ao estado de porcarias em que se acham; mandando pelo mencionado muxingueiro passar uma esfregação de taca em todos que alli vão fazer despejo. Cumpra.

—Pungente e consternador é o aspecto desta capital!

A magoa destaca-se em todos os semblantes!

Parece que uma imminente desgraça está a cahir sobre a cabeça desta infeliz e oppressa cidade!

—E' que cada qual estremece de receio pela sorte de um ente que lhe é charo.

Aqui é uma mãe que pranteia pelo filho, alli a esposa que chora pelo marido, acolá é a irman que desconsolada banha-se em prantos pelo irmão, seu unico arrimo, mais adiante é uma afflicta mãe cercada de filinhos que lhe pedem pão, que amarguradamente lamenta-se, por que aquelle que, com o

fructo de seu suor matava a fome, de seus innocentes penhores, ha muitos dias está encerrado dentro das muralhas de uma fortaleza, esperando a sorte que o destino lhe prepara.

E a mais dilacerante duvida paira em todos os espiritos, por que todos esperam a cada momento uma nova angustiosa!

Que quadro doloroso!.....

Lagrimas por toda parte!

Nas ruas tenho encontrado 'senhoras banhadas em pranto!

—Mas, si não ha remido, o que se ha de fazer? E' preciso appellar para o patriotismo dos brasileiros; antes de tudo está a dignidade do paiz.

—No tempo em que iam daqui milhares de voluntarios debaixo de vivas e flores, reprovou-se e se disse que elles não eram necessarios; hoje amarra-se a pau e corda o embarcam escoltados.

—Naquelle tempo, si haviam lagrimas, eram de saudades misturadas de patriotismo.

—Chegou a se dizer ao povo que qualquer que fosse a sorte da guerra e as peripecias por que tivessemos de passar, o execcito brasileiro, que estava no sul, era sufficiente para castigar os demandos do tyranno do Paraguay.

E hoje agarra-se brutalmente o povo para ir engrossar as desfalcadas fileiras do exercito.

—E o que fizeram de mais de 60 mil homens?

—Estão sepultados nos banhados paraguayos.

—Lá cabiu o muro da ladeira do Coqueiro, e por milagre de Deus não sepultou alguém.

—O deleixo, que ha em nossa terra, é origem de muita cousa. Consentiram que arreassem o muro para edificar ali, e quando teve-se de levantá-lo, não houve quem tivesse o cuidado de fiscalisar si a obra tinha a solidez necessaria e por isso foi elle feito a *Deus e a ventura*. Vieram as chuvas, e o muro foi-se com a breca sobre o muro das freiras da Lapa, sendo uma grande felicidade na occasião não passar alguma creatura humana.

—E agora ficará alli na rua aquelle entulho até quando Deus quizer.

—Fallar sobre os desvios da companhia do Gaz, é perder tempo!

Clame-se como clamar, ella continúa a zombar do povo.

—E não lhe acho culpa.

—Desde o dia 25 que uma immensidade de ruas, que seria massada enumerar, ficam ás escuras todas as noites, e as que tem illuminação apresentam uma differença muito sensivel para menos.

—Si ella ja de si é pessima em extremo, tornando-se peor, não sei o que será.

—A propria rua em que mora o chefe de policia tenho visto ás escuras.

—E a travessa, que do Terreiro vae dar á secretaria, vive constantemente em trevas.

—Por commiserção da infelicidade, queria fazer uma supplica ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

—E quem lhe impede?

—Eu sei si serei attendido? Nesta terra parece que só se dá importancia a quem tem elevada posição.

—Sempre é bom arriscar.

—Como me anima, irei sempre pedir a S. S. que lance suas benevolentes

vistas para o alimento que se fornece aos sentenciados á prisão com trabalho porque me informam que é o peor, que pode haver; pessimo na extensão da palavra.

—Isso é cousa que, elle querendo, com a maior facilidade verifica, si é exacto ou não.

—Tambem me consta que os presos vivem actualmente em grande constrangimento e que são tractados com algum rigor, não se lhes permitindo até que entre uma preta de fructas para vender, nem que mandem comprar qualquer cousa para comer; porem, como não sei si isto é do regulamento ou não, nada digo.

—Está direito; vá ao homem faça seu pedido, e me diga o resultado.

—Foi de curta duração a presidencia do Sr. Leão Velloso no Pará!

—Somente em quanto não passaram as eleições.

—Os cofres são quem soffrem com essas continuadas mudanças.

—Os cofres só? E' uma causa de atrazo para o paiz: quando um inicia um melhoramento, vem outro de politica opposta e desmancha, e assim andamos sempre como carangueijos.

—Tambem eu acho razão, há objectos que a gente só usa delles quando tem precisão para certos fins, ao depois atira-os ao cauto.

—Porém diga-me: o digno presidente foi demittido á seu pedido, ou por *conveniencia do bem publico*?

—Homem, isso não sei, porque as folhas só dizem que foi exonerado.

—Capitão, ouça:

André Cursino dos Reis, morador da freguezia da Sé, foi em outubro do anno passado agarrado como guarda do 6.º batalhão de infantaria. Este individuo é cego do olho direito, e sendo remettido para o corpo provisorio, creado pelo Sr. Leitão da Cunha, requereu a elle que lhe mandasse inspecionar, pois que, sendo elle um homem cego, está isempto, como é de lei, do serviço militar.

S. Ex. mandou informar ao commandante superior, ha mais do vinte dias desta parte, e até hoje jaz lá o requerimento sem que o digno commandante dê a sua informação, e agora é André Cursino tirado para o contingente que tem de seguir para o sul!

—Que quer que lhe faça?

São os effeitos dos beneficios que o Sr. Saraiva fez ao seu paiz, pelo que ha de ter em recompensa uma cadeira no senado.

O ULTIMO DO MEZ.

O ultimo do mez!

Sabe alguém o que é o ultimo do mez?

E' uma declaração de guerra feita por uma potencia forte a uma nação pobre e desarmada.

E' um inverno rigoroso a dar cabo das sementeiras!

E' uma peste a devastar tudo!

Fim do mez! purgatorio, inferno, cada-falso, e diabol!

—Mas porque você grita contra o fim do mez? pergunta-me o proprietario da minha habitação.

—Por sua causa, que não me deixa a porta em quanto lhe não pago o aluguel da casa.

—Ah!...diz o bruto, encolhendo os hombros.

E destas perguntas, e destas respostas é o que se ouve em boca de taverneiros, logistas, sapateiros, alfaiates e todos quantos vivem do que nos impingem, para nos ajudar a viver.

—Ultimo do mez! Palavras que são roucas e ameaçadoras como uma trovoadal

E' certo que neste dia é que recebe-se o pallido e esqualido ordenado; mas, Santo Deus, os credores! quem pode aturar os credores no fim do mez?!

Ao annunciar a folhinha esse dia fatal, qual bando de maribondos, sahem os credores anciados, esbaforidos, velozes como cachorros, atraz do pobre devedor, e ai delle!

O ultimo do mez é um martyrio!

Do dia 5 a 25, o devedor vive uma vida entre o pacifico e o sobresaltado; dos dias 1 a 5 e de 25 a 31 não vive, anda moribundo; a sua alma, seu corpo, seus haveres, está tudo sob a vigilancia dos credores.

Credores! raio para que não há conductor; chuva que tudo alaga; peste que tudo assola, guerra exterminadora!

O cred. é um cão de fila:—farcja até ao infinito.

No ultimo do mez o devedor siudo—docece, vae p^o o campo tomar arca, a familia, os fam^o, o campo tomar arca, a familia, os fam^o, mas o credor! larg^o ninguem sabe delle, —e lá vae descobril e como uma lebre, no fundo d'um valle, esteja elle embora um rochedo!

Ah! credores, credores! Triste cousa é os paraguayos nas cores! Thes deverem senão tinham já dado o delles, n'um ultimo de mez!

Para o devedor nunca os mezes deviam ter fim, o credario é querer acabar com elles, cousa realmente difficil, mas inevitavel.

O homem suporta uma dor de dentes, um aperto de botas, um frio terrivel, a repetição de um drama ruim, a desafinação de uma gaita, mas as lamurias as descomponem de um credor! Quem pode resistir ás picadas de um malb? E o credor é um malho de 50 arrobas!

Ah! ultimo do mez....

Quantas almas, curtidadas de frio, abatidas, não estão diante de algumas bucas de dezenas de mil reis, a fazer calculos, que se desfazem como fumaça, porque o sapateiro impertinente, exige a importancia de um remonte, o taverneiro incivil quer o pagamento dos paños, e a engomnadeira precisa ser satisfeita de uns fundilhos que deitou nas ce-roulas!

Ora não fallemos do vencimento de uma letra, isso é obra monumental, é uma pyramide suspensa sobre a cabeça.

Pobre dos pobres! Enquanto o credor sorri, engorda, enriquece, os devedores choram, finam-se, empobrecem!

Em quanto no—ultimo do mez—o devedor anda á procura dos cantos para não ser visto, o credor percorre todas as praças, todos os lugares publicos á caça das victimas!

O ultimo do mez—é uma medalha: em uma face, lê-se: CREDITORES! na outra—DEVEDORES! Ai daquelle que está contemplado na palavra *devedores*, vive n'um AZAR perpetuo. A SORTÉ está na face CREDITORES!

Emfim, leitores, *azarés* e *sortes*, o ultimo do mez, será um dia muito alegre, mesmo para o vosso respeitador.

AZAR.

A PEDIDO.

—Aquelles sujeitos que costumam

entrar naquella eschola primária, irão aprender a ler?

— Trouba que ver! Tantos homenzarões aprendendo a ler!

Vão rezar a Senhora do Monte.

— Porém alli não é igreja nem casa de oração, é uma casa de educação da mocidade.

— Ora V. anda no mundo da lua! Depois que os meninos dão lecção, abre-se a cartilha das cento e duas e o padre Souza Fructa, explica o evangelho das meias bocas.

— Mil raios o partam si eu entendo semelhante embrulhadura!

— Também nunca vi homem mais incomprehensivel que V.!

— Pois está o Sr. a me falar por metaphoras!

— Então quer que lhe fale claro? Os homeus que vêm entrar alli não jogam...

— Jogar!... do bens da publica!... E o Sr. director do ensino sabe disto?

— Isso lá não sei. O que affianço é que o sapiente e *augusto* professor converte todos os dias a aula em casa de jogatina.

— Não sei o que mais não verei em Latronopolis!... Até ja vi um professor na parochia da *Esposa de S. Joaquim*, na casa em que ensina os meninos ter uma banca de jogo!...

NAVIO ARRIBADO.

Barca Marcolina, vinda do porto da Gameleira, carregamento bolachas, e outros generos como sejam relaxação e malcreação em abundancia; as mercadorias são consignadas a diversos, e o casco propriedade do Amancio, será conduzido a doca do Caetano para receber os reparos que precisa, traz por capitão o filho do Salú.

— Ah, sôr *Tisana*?

— Que quer, sôr *Fructa Pão*?

— O Lulú Pedrito tem boas unhas, é verdade, porém é para agarrar os tratantes; e si algum dia serviu de espião de policia, foi para denunciar o concorrenter para a captura dos ladrões de escravos, falsificadores de firmas,

moedeiros falsos, contrabandistas, etc.

— Isto são *teléas*.

— *Teléas*... o que o Sr. quer, é me obrigar a praticar uma cousa que eu não tinha intenção.

— O que é?

— E' levar ao chefe de policia uma lista com os nomes, condições, edades profissões, e estado de certas pessoas, que entram em sua casa, e o que vão la fazer.

— Isso não me assusta; vá metter medo ao *Paiva*.

— Pois continue que eu lhe prometto, juro e protesto

VARIETADIE.

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, é haver quem fale mal da vida alheia.

A cousa mais difficil é casar-se moça pobre sem dinheiro.

A cousa mais facil que ha, é acontecer um engano.

A cousa mais difficil que ha, é enganar um cigano.

A cousa mais facil que ha, é espalhar um boato.

A cousa mais difficil que ha, é viverem em paz o cão e o gato.

A cousa mais facil que ha, é encontrar-se um doutor.

A cousa mais difficil que ha, é pilhar-se um desertor.

A cousa mais facil que ha, é ser deputado.

A cousa mais difficil, é apresentar idéas n'um discurso que valha a pena ser lido...

(quando não ha conveniencia propria.)

A cousa mais facil que ha, é achar-se magistrados estupidos.

A cousa mais difficil que ha, é que esses se conheçam.

A cousa mais facil que ha, é questionar,

A cousa mais difficil, é ter razão e saber sustentar os argumentos em regra.

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 de fevereiro a sua escrava Celina africana de idade de 30 annos, pouco mais ou menos, ganhadeira, acha-se prenhada, desdentada, com os dedos grandes dos pés tortos, ceio piqueno; quem a levar ao Pilar n.º. 92 será recompensado. — *Ignaz Lucia Dias Monteiro.*